



CRB

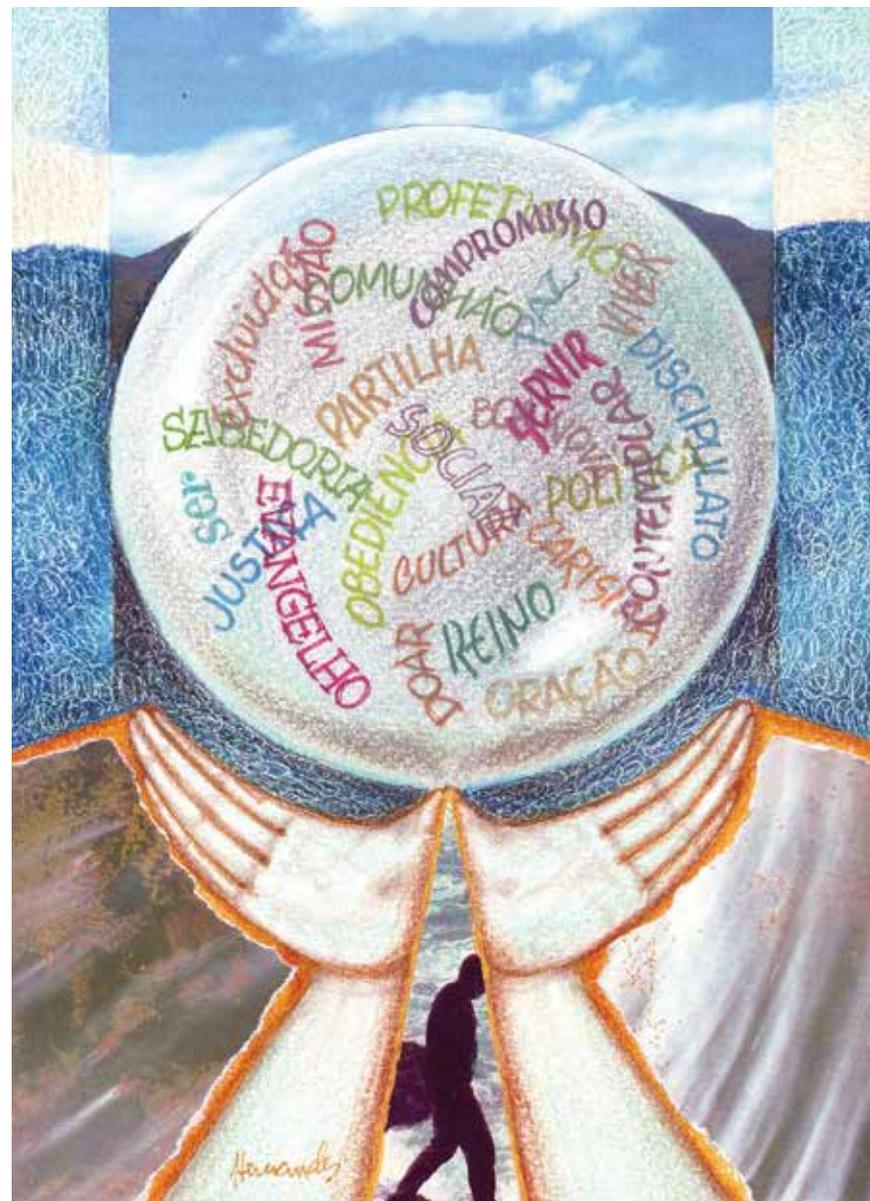
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- **Bioteecnologias: desafios éticos e teológicos da gestão técnica da vida**
- **Amor, louvor, dom total da vida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo**
- **O trabalho com os catadores do Parque Santa Rosa**
- **Mensagem da Ir. Márian por ocasião do envio de três novas irmãs missionárias para o Haiti**

Sumário

Editorial

A vida é o que nos interessa!..... 137

Informes

O trabalho com os catadores do Parque Santa Rosa
LUIZ ARAÚJO GOMES PINTO JUNIOR..... 140

Missionárias e missionários scalabrinianos: solidariedade para com o povo do Haiti
GELMINO, VALDECIR E MOACIR..... 146

Mensagem da Ir. Márian por ocasião do envio de três novas irmãs missionárias
para o Haiti
IR. MÁRIAN AMBROSIO..... 148

Uma teologia a caminho: Seminário Internacional de Vida Consagrada Apostólica
VERA IVANISE BOMBONATTO..... 150

Arte e Cultura

Da necessidade do lazer na Vida Religiosa
PLUTARCO ALMEIDA..... 152

Artigos

Bioteecnologias: desafios éticos e teológicos da gestão técnica da vida
JOSÉ ROQUE JUNGES..... 156

Amor, louvor, dom total da vida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo
CARLOS JOSAPHAT..... 170



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vítório, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



CRB

CONVERGÊNCIA

“A revista das religiosas e religiosos do Brasil”

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE AS ASSINATURAS

1. O **PREÇO** vai continuar o mesmo (R\$ 86,00 no boleto e R\$ 84,00 no depósito bancário direto), pelo menos até o final deste primeiro semestre.
2. É necessário que todos os assinantes atualizem os seus **DADOS** por e-mail, fax, carta ou telefone. Às vezes, a revista não chega porque esses dados estão incorretos (foram modificados e ninguém avisou!).
3. **NOVAS ASSINATURAS**: a) mande os dados via e-mail; b) faça o depósito bancário no BANCO DO BRASIL, ag 1230-6, c/c 306.934-6; c) envie o comprovante, juntamente com nome e endereço do assinante, via fax (61 3225-3409).
4. **RENOVAÇÃO DE ASSINATURAS**: se os dados estão corretos, é só acessar o site da CRB Nacional (<http://www.crbnacional.org.br/novo/index.php/convergencia>), colocar o número do CPF ou CNPJ, imprimir o boleto e pagar no banco.
5. Os **RECIBOS** de quem já fez o pagamento (via boleto ou depósito bancário) já estão sendo enviados. Pode ocorrer alguma demora em função do acúmulo de trabalho que temos neste período do ano, mas todos os nossos assinantes terão o seu recibo com certeza!
6. É bom que cada assinante guarde o **NÚMERO DO SEU CÓDIGO** (em números pequenos, na parte de cima da etiqueta que vem colada no envelope da revista). Isto facilita a resolução de algum problema mais tarde.
7. Qualquer **DÚVIDA**, estamos prontos a ajudar, pois queremos que o relacionamento com os nossos assinantes seja cada vez mais ágil, transparente e eficaz!

Muito obrigado!

A Redação.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Dando continuidade às iniciativas que visam a melhorar cada vez mais o conteúdo e o formato da nossa revista, adotamos agora um *slogan*: “*Convergência*, a revista das religiosas e religiosos do Brasil”. De fato, nesses últimos dois meses, período de renovação da maioria das assinaturas, pudemos constatar o quanto esta publicação é importante para a VR de um modo geral. Recebemos inúmeras manifestações de carinho e de apreço vindas de todas as partes do país, especialmente daqueles rincões mais distantes, lá onde os recursos, os subsídios para a formação inicial ou permanente das nossas comunidades religiosas são mais difíceis de encontrar. Com certeza, *Convergência* já faz parte do dia a dia da VR, prestando um serviço mais do que importante à dinamização e ao fortalecimento da Vida Consagrada no Brasil e em algumas missões fora do país também.

Uma outra iniciativa foi a decisão de começar a conversar com os Regionais da CRB, com o objetivo de avaliar a revista como um todo. Para nós, a palavra participação não deve ser somente um discurso! O primeiro desses encontros foi no Regional Belo Horizonte-MG, no final de fevereiro. Na ocasião, tivemos a presença de toda a diretoria e seus assessores. O clima do encontro foi bem positivo. Debates importantes, recebemos algumas críticas e ouvimos muitas sugestões para melhorar a revista a médio e longo prazo. Se Deus quiser, na medida das nossas possibilidades, é claro, pretendemos ampliar essas conversas para os demais Regionais. Acreditamos que, mesmo com todas as tecnologias que o mundo moderno coloca à nossa disposição, nada

substitui a conversa pessoal, “cara a cara”. Assim é que, de agora em diante, pretendemos estabelecer um contato mais direto com aquelas que são, na verdade, as nossas “bases”, nosso foco principal.

Neste número de abril, trazemos mais algumas reflexões importantes relacionadas à Campanha da Fraternidade 2011, cujo tema é “Fraternidade e a vida no planeta”. É bom lembrar, aliás, que a CF tem seu tempo forte na Quaresma, mas deve ser levada em conta durante o ano inteiro. Assim, o artigo do Padre José Roque Junges, jesuíta, professor e pesquisador da Unisinos, em São Leopoldo-RS, “Biotecnologias: desafios éticos e teológicos da gestão técnica da vida”, merece toda a atenção das nossas comunidades de VR. Trata-se de um assunto que a cada dia que passa tem provocado novas e acaloradas discussões no âmbito da sociedade civil. A “bioética”, de uma forma direta ou indireta, integra hoje grande parte das agendas científicas e já começa a fazer parte da agenda eclesial também.

A questão, como podemos ver, diz respeito não a um ou a outro aspecto secundário da vida humana sobre a terra, mas à *vida* humana como tal.

É forçoso concluir, portanto, que a bioética, embora sendo um assunto altamente técnico, sofisticado até, não pode nem deve ser discutida apenas e tão somente nos círculos acadêmicos. Todos nós que lutamos em defesa da vida, daquela vida plena que Jesus veio nos trazer (Jo 14,6), devemos começar a nos preocupar também com este tema. Um primeiro passo talvez seja procurar estudar o tema, ainda que somente para tomar conhecimento (e posição!).

Na mesma linha do horizonte da CRB Nacional, ou seja, “[...] de olhos fixos em Jesus, [...] reafirmar nossa identidade místico-profética e reavivar a paixão pelo Reino [...]”, o Frei Carlos Josaphat, op, nos oferece agora uma bonita proposta de reflexão espiritual sob o título “Amor, louvor, dom total da vida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo”.

Vivemos num mundo onde a racionalidade técnica pretende dar todas as respostas. A hora atual, portanto, exige

de nós, religiosas e religiosos, testemunhos claros, vibrantes e coerentes. E o principal testemunho, com certeza, é o testemunho de uma vida que se deixa conduzir pelo Espírito Santo, uma vida mística profunda, uma relação íntima e apaixonada com o Senhor.

Na seção (experimental, por enquanto) “Arte e Cultura”, trazemos uma provocação, mais do que uma reflexão propriamente dita. Tudo leva a crer que a questão da diversão e do lazer na VR nem sempre é posta em discussão ou tida como prioridade na programação de vida das nossas comunidades. Quem sabe a matéria que *Convergência* traz neste número possa levar-nos a refletir mais e melhor a respeito.

Finalmente, desejamos a todos os nossos assinantes uma Páscoa cheia de bênçãos! Que a Vida Nova que o Ressuscitado nos traz a cada dia alimente a nossa fé e a nossa esperança. Precisamos disso para continuar firmes e fortes na luta em defesa da vida neste planeta tão castigado pela ganância e pela soberba dos poderosos.

Vivamos a Vida

Com alegria

Com generosidade

Com simplicidade

Com garra

Com Deus no coração

Aleluia!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

O trabalho com os catadores do Parque Santa Rosa

LUIZ ARAÚJO GOMES PINTO JUNIOR, SJ*

Neste ano de 2011, a CNBB nos chama a atenção para o meio ambiente através de sua Campanha da Fraternidade, que tem como tema: “Fraternidade e a vida no planeta”. O objetivo desta Campanha é sensibilizar toda a sociedade, incluindo a própria Igreja, para as questões vitais para a vida no planeta. Como os problemas ambientais e suas consequências têm-se agravado cada vez mais, a Igreja no Brasil resolveu, este ano, debruçar-se sobre a temática ambiental, que, aliás, se encontra na ordem do dia.

Contudo, não é de hoje que a Igreja e especialmente nós, religiosos, nos preocupamos com o meio ambiente, o próprio Francisco de Assis, na Idade Média, nos deu seu testemunho ao viver integrado com o ambiente, sensível à natureza e seus elementos, e ele mesmo se considerava o irmão menor de todas as criaturas.¹

Hoje, porém, o desafio ambiental se faz muito mais urgente e de relevante interesse para toda a sociedade do que na época do Irmão de Assis. Muitas são as frentes e situações a ser atendidas: as questões da água, da terra, do lixo (gerado pelo consumismo desenfreado), da poluição do ar (que gera o efeito estufa e, conseqüentemente, o aquecimento global, incidindo no desequilíbrio climático, afetando a todos, mas especialmente os mais pobres, que sempre são o lado mais frágil dos desequilíbrios ambientais). Vê-se, também, que as questões ambiental e social andam juntas. Fala-se de questões socioambientais.

Nesse cruzamento entre as questões ambientais e sociais encontramos, por exemplo, a figura do catador de materiais

* **Luiz Araújo Gomes Pinto Junior** é jesuíta, vigário paroquial, assessor da Associação dos Agentes Ambientais Rosa Virgínia (AAARV). Graduado em Filosofia e Teologia pela FAJE (Belo Horizonte-MG).

1. O texto-base da CF 2011 (cf. p. 106) propõe o resgate da figura de São Francisco como símbolo da luta pelo meio ambiente.

recicláveis.² Essa figura social situa-se entre as problemáticas do lixo (ambiental) e do desemprego e da informalidade (social). O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) calcula que existam oitocentos mil deles em todo o Brasil. Eles são responsáveis por coletar, na rua, aquilo que iria para os lixões, incluindo os 90% de tudo o que é reciclado no país. A grande maioria deles ainda vive desorganizada. Muitos trabalham de forma avulsa, sendo discriminados, marginalizados e tidos como “invisíveis sociais”, como muitas outras categorias de trabalhadores informais no nosso país.

Por outro lado, ventos novos sopram, e “o espírito sopra onde quer” (cf. Jo 3,8), o MNCR, criado em 2001, tem lutado pela visibilidade e dignidade dos catadores. Ao lado dele, muitas ONGs, grupos, Igrejas e até o poder público (algumas prefeituras, estados ou órgãos federais) têm demonstrado, cada vez mais, apoio à causa do catador, procurando reverter esse quadro de desvalorização da categoria.

Um pouco de história

Aqui, na área de nossa paróquia do Mondubim³ (Fortaleza-CE), em 2001, após o Encontro Latino-americano dos Catadores, em Caxias do Sul, a Ir. Maria José do Bom Pastor chegou com a missão de incentivar a organização dos catadores da comunidade do Parque Santa Rosa. Entrementes, a Ir. Elizabeth, da mesma comunidade, já havia começado a reunir, especialmente, as catadoras, por serem as que mais sofriam, por causa de sua fragilidade física, e porque eram elas que tinham a responsabilidade de ser a cabeça de suas famílias. O grupo foi tomando mais força, ao mesmo tempo que a Cáritas arquidiocesana começou a articular o Fórum Estadual Lixo e Cidadania, aglutinando outros grupos de catadores em Fortaleza.

O grupo do Parque Santa Rosa, com o tempo, passou a contar com vinte e cinco catadores, na maioria mulheres. O pároco da época, Pe. Fayos, sj, comprou um terreno para o futuro galpão do grupo. No final de 2003, o grupo

2. Neste artigo adotamos o nome “catador” (incluindo ambos os gêneros), pois este nome foi adotado oficialmente pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) como elemento fundamental da identidade desta categoria de trabalhador (ambiental). Diz-se de materiais recicláveis porque tais trabalhadores não catam lixo e sim materiais passíveis de reciclagem ou recuperação tirados, sim, do lixo. Tais materiais são as latinhas de aço/ alumínio, papel branco, colorido, plásticos em geral, garrafas, vidro, cobre, metais etc.

3. Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

4. Comunidade Vocacional São Pedro Claver, onde são acolhidos jovens candidatos a jesuítas, de todo o Norte e Nordeste, para uma experiência vocacional de um a dois anos. Aí eles realizam trabalhos voluntários, e um dos serviços de voluntariado é feito no galpão da AAARV, junto com os catadores.

5. Outro nome dado a Santa Maria Eufrásia.

6. As instituições federais começaram a doar seus materiais recicláveis por meio do Decreto Federal n. 5.940, de 25 de outubro de 2006, que “institui a separação dos resíduos sólidos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais

foi contemplado com dois projetos de construção de um galpão junto ao BNB (via Cáritas) e à Província dos Jesuítas do Centro-Leste (RJ). Pe. Luiz Junior, chegado havia mais de um ano, acabou se envolvendo no projeto e ficou responsável pela construção e instalação do galpão, que foi inaugurado no dia 24 de abril de 2004, dia de Santa Maria Eufrásia, fundadora das Irmãs do Bom Pastor. Foi um dia de muita alegria para todos nós, pois constituía um marco fundamental para a organização e dignidade do grupo. Musamara, voluntária da comunidade, assumiu a gerência do galpão, enquanto se preparava algum deles para uma futura administração. Sem quase nenhum conhecimento do mercado de reciclagem, todos foram aprendendo com o tempo, caminhando juntos também em parceria: catadores, voluntárias das comunidades, paróquia, comunidade vocacional (CVSPC),⁴ Cáritas etc.

Em 2006, o galpão foi oficialmente reconhecido como associação, batizada como Associação dos Agentes Ambientais Rosa Virgínia⁵ (AAARV). Desse momento em diante, os catadores mesmos assumiram a direção e a gerência da AAARV, mas ainda acompanhadas por uma equipe. Foi mais um salto histórico da caminhada da organização.

Trabalho de parcerias: a força da solidariedade

A partir do momento da constituição da AAARV, os catadores começaram a ter mais visibilidade na cidade, recebendo apoio de instituições federais,⁶ como o Banco do Brasil,⁷ e outras, como BNB, IBGE, INSS, Correios, Dataprev, Embrapa e Serpro.⁸ E de instituições privadas também, como Transbet, EIT, Santander etc. Isso sem falar dos paroquianos que adotam os atuais doze catadores, perfazendo uma média de cem domicílios que doam seus materiais recicláveis gerados. Tanto os órgãos públicos como os privados e os domicílios, todos fazem parte do projeto de coleta seletiva solidária. As instituições adotam a AAARV como um todo, fazendo campanha de conscientização de

separação dos materiais recicláveis dentro do ambiente de trabalho e doando seus mesmos materiais. Já os domicílios adotam os catadores de maneira individual, criando, assim, laços de amizade e de comprometimento, fazendo parte da pastoral dos catadores (ou dos agentes ambientais), pois incluem essas famílias apoiadoras, que, por sua vez, se transformam também em agentes ambientais.

Perspectivas e desafios

O trabalho com os catadores responde a dois desafios: o social e o ambiental. Social porque é uma forma de geração de renda e emprego, ambiental porque contribui com a limpeza do ambiente.⁹ Como a questão ambiental está na ordem do dia, com a oficialização da política nacional de resíduos sólidos (PNRS)¹⁰ e mais a proximidade da Copa do Mundo, em 2014, abrem-se grandes perspectivas de avanços no setor ambiental, especificamente com relação ao destino dos resíduos sólidos, com proibição de lixões, implemento da coleta seletiva etc. Na própria PNRS, os catadores estão aí contemplados, podendo os mesmos ser incluídos nos projetos de coleta seletiva dos municípios brasileiros.

A perspectiva que se desenha para os próximos anos é bem positiva, porém com algumas preocupações no horizonte. A PNRS abriu uma brecha em sua legislação para o que chama de “recuperação energética” (PNRS, art. 9º, § 1º), que significa incineração de resíduos. Isso quer dizer que os resíduos que vão parar no lixão, ou que iriam para as mãos dos catadores para a reciclagem como destino final, correm o risco de ir para tais usinas, que poderão queimar os resíduos para produção de energia. O MNCR já começou uma mobilização nacional contra esse artigo da lei que pode prejudicar os catadores, além de ser uma matriz energética suja.

Outro desafio é a preocupação quanto ao implemento da coleta seletiva no Brasil. Não se sabe se os catadores, embora contemplados na PNRS, na prática terão agilidade em sua organização e poderão concorrer com possíveis empresas de coleta, que são mais ágeis e têm mais poder econômico

recicláveis, e dá outras providências” (disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5940.htm>. Apud Pinto Junior, 2010, p. 101).

7. Apoiador exclusivo da AARV.

8. Partilhada com as demais quinze associações da cidade, mediante sorteio (seis meses de doação para cada).

9. Se não fosse pelo trabalho dos catadores, a coleta convencional feita pelos caminhões da prefeitura estaria muito mais sobrecarregada. Onde há uma forte presença dos catadores, tais caminhões acabam levando somente o lixo orgânico.

10. Trata-se da “Lei n. 12.305, aprovada na Câmara dos Deputados no dia 12 de março [de 2010] e no Senado no dia 7 de julho

144

[do mesmo ano]. E finalmente sancionada pelo Presidente da República no dia 2 de agosto, com a presença de vários representantes da sociedade civil, inclusive do representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis” (Pinto Junior, 2010, p. 45).

11. Com relação ao governo federal, o ex-presidente Lula tinha uma atenção especial para com os catadores. Todos os anos, em dezembro, encontrava-se com eles em São Paulo. Dizia que os catadores eram “os atuais metalúrgicos” (comparando-os a essa classe operária que protagonizou grandes greves no ABC paulista em pleno regime da ditadura).

12. Ambiental porque se evita que o óleo de frituras seja derramado nas pias, entupindo os canos de esgoto e poluindo os corpos de água.

e político de barganhar uma boa fatia nesse futuro filão de mercado (por exemplo: ter prioridade nas licitações etc.). Quem sairá ganhando: o catador ou as grandes empresas?

Em termos de Grande Fortaleza, há cerca de quinze associações acompanhadas pela Cáritas arquidiocesana e pelo Fórum Lixo e Cidadania. A maioria delas ainda funciona com muitas dificuldades. A maioria nem sequer conta com um galpão próprio, há pouco apoio do poder municipal, com respostas ainda muito lentas e minguadas. Recentemente, o governo federal, via Funasa, lançou um edital para a compra de veículos e equipamentos, no qual foram contempladas três associações de Fortaleza: a AAARV, a Sociedade de Reciclagem de Lixo do Pirambu (SOCRELP) e a Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN), o que representou um passo significativo em termos de reconhecimento por parte do poder público das organizações dos catadores.¹¹ Estamos aguardando, por parte do governo estadual, o projeto de coleta do óleo de cozinha, doando-nos uma máquina filtradora desse óleo para vendê-lo para a usina de biodiesel da Petrobras em Quixadá. Essa coleta do óleo de cozinha nas casas, bares e restaurantes da região abre uma boa perspectiva de trabalho ambiental¹² e de fortalecimento da renda da associação.

Um desafio e um convite para nós, religiosos

Os catadores, com sua ação de formiguinha, demonstram uma importância muito grande em nossa sociedade. Por outro lado, percebemos que o retorno de tal importância é ainda muito pouco para eles. A situação dos mesmos ainda é de: pouca remuneração, falta de seguridade social,¹³ envelhecimento precoce e doenças, tudo isso acarretado pelo trabalho duro.

Diante de tal quadro, como é que nós, religiosos, interperados pela nossa vocação de consagrados ao Reino, podemos dar nossa contribuição a esta categoria de trabalhadores do meio ambiente? Entre tantos desafios que a CF 2011 nos coloca, os catadores (juntamente com a problemática do lixo)

certamente podem ser um deles. Os catadores estão presentes em tantos bairros de nossas paróquias, ao redor de nossos colégios, casas de retiro, comunidades de formação, de inserção, empurrando seu carrinho, catando nas latas de lixo, vagando errantemente por aí, esperando uma resposta nossa! Como podemos proporcionar-lhes um mínimo de atenção? Tirá-los de sua invisibilidade social e até dar-lhes uma organização? O primeiro passo é o olhar, vê-los como nossos irmãos, que têm sua dignidade como agentes ambientais, perceber a sua importância para a sociedade e o ambiente. Depois, então, tentar reuni-los, chamar alguma instituição que já tem experiência de trabalho com catadores. Também é importantíssimo começar pela tarefa de casa: separar o lixo gerado na residência, na obra apostólica (colégio, retiros etc.), selecionar o que é reciclável do material inservível e doá-los para os catadores. Depois, chamar outros para que façam o mesmo: vizinhos, pessoas do bairro, lojas etc.

Fica, então, o nosso apelo neste texto, esperando que este possa ser uma humilde contribuição para a reflexão sobre nossa atuação junto às causas socioambientais, às quais somos todos chamados a dar uma resposta. Como disse o nosso fundador, Santo Inácio de Loyola, em sua contemplação para alcançar o amor: “O amor é comunicação de ambas as partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem e pode a quem ama. Por sua vez, quem é amado dá e comunica a quem ama” (*Exercícios Espirituais*, n. 231). Se recebemos tanto amor do Criador, só podemos retribuí-lo com amor a ele, através do serviço aos irmãos mais sofredores e ao planeta criado por ele.

Referências

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2011. *Fraternidade e a vida no planeta*. Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2010.

PINTO JUNIOR, Luiz Araújo Gomes. *Os catadores de matérias recicláveis como agentes de uma educação ambiental não formal*. Monografia apresentada na pós-graduação em Educação Ambiental. Fortaleza: UECE, 2010.

13. Os catadores ajudam a impulsionar a indústria de reciclagem, gerando milhares de empregos formais, porém os mesmos nem sequer ainda podem pagar a Previdência, não têm direito a uma futura aposentadoria.

Missionárias e missionários scalabrinianos: solidariedade para com o povo do Haiti

GELMINO, VALDECIR E MOACIR*

Estima-se que existem trezentos haitianos vivendo em Tabatinga atualmente. A nova orientação do governo brasileiro muda a política que vinha sendo adotada desde o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010.

Em março do ano passado, em meio à comoção causada pelo desastre que matou mais de duzentos e cinquenta mil haitianos, o Ministério da Justiça emitiu uma ordem para que a Polícia Federal recebesse todos os cidadãos do país caribenho que solicitassem refúgio no Brasil.

Pe. Alfredo, missionário scalabriniano, escreve:

Falar de migrantes em Manaus neste momento é falar dos haitianos. Eles ganharam certa visibilidade dentro da cidade. Eles são vistos andando pela cidade à procura de empregos, são percebidos, sobretudo, em São Geraldo, São Raimundo, Terra Nova, Manoa e em outros lugares onde eles estão de parada.

A chegada dos haitianos a Manaus começou em fevereiro do ano passado. Dos que chegaram até junho, praticamente ninguém permaneceu em Manaus, passaram por Manaus. Muitos tinham o sonho dos Estados Unidos, da Europa (quem sabe, via Guiana Francesa). Saíram em silêncio e não se sabe que rumo tomaram.

Os que chegaram a partir de julho falavam que queriam permanecer em Manaus. Foram acolhidos um tempo na Casa do Migrante do estado, depois alguns ficaram numa pequena casa de acolhida sob a responsabilidade das irmãs carlistas; para outros foram alugadas algumas casinhas.

Mas o número aumentou. Por isso nós reformamos um espaço aqui na Paróquia São Geraldo. Foi aberto no mês de agosto. Seria para doze pessoas, mas o número foi superior. A partir do mês de novembro, o número cresceu mais ainda, então foi alugado um casarão, que chegou a abrigar trinta e seis pessoas, mas as condições de abrigo eram

* **Gelmino, Valdecir e Moacir** são padres missionários scalabrinianos de Manaus-AM.

muito precárias. Iniciou-se este ano numa situação bastante crítica, aí o Padre Valdecir, um pouco no desespero, pediu a ajuda ao pároco da Paróquia São Raimundo, que dispunha de um salão, com banheiros e cozinha. Ele aceitou e explicou o caso aos paroquianos. Então, a maioria dos que estavam no casarão foi para a Paróquia São Raimundo.

Neste momento, a Pastoral do Migrante (liderada pelos padres e irmãs scalabrinianos e leigos), está acolhendo trinta pessoas na São Geraldo, trinta e cinco na São Raimundo, quinze em outras duas casas. Para esses fornecemos a alimentação básica – fruto de doações. Além disso, acompanhamos mais uns quarenta que estão em pequenas casas alugadas pelos próprios imigrantes que já conseguiram algum trabalho, mas ainda dependem de ajuda para viver.

Além do trabalho de assistência (comida, casa, trabalho), não nos cansamos de interpelar os órgãos públicos, mas os resultados foram poucos. No dia 9 de fevereiro de 2011, estivemos reunidos com o Arcebispo Dom Luiz, com a primeira-dama do estado e três representantes da Ação Social. Estamos esperando algo desse encontro. Hoje devo visitar o comando do Exército.

Enquanto isso, os haitianos ocupam espaço nos meios de comunicação, jornais e televisão (“Funasa examinou haitianos”, diz *Época*; “Haitianos são examinados”; “FVS chega a Tabatinga para enfrentar cólera”; “PF evita imigração ilegal: Ministério da Justiça quer conter imigração desenfreada – quem entrar sem visto será deportado”). Como o número dos que estão em Tabatinga é bastante elevado – fala-se em uns trezentos, e como o Amazonas vive um surto muito grande de dengue, teme-se também pela chegada do cólera (via haitianos).

O que mais nos assusta é o futuro próximo. Primeiro: o que vai acontecer com imigrantes que não receberão mais o Protocolo de Refugiados e que a Polícia Federal está barrando, tanto em Tabatinga como em Brasiléia (Acre)? Segundo: o que fazer com os que nos próximos dias chegarão a Manaus? Hoje está prevista a chegada de trinta e cinco. Por isso a Polícia Federal está começando a negar o visto de entrada (até agora eles recebiam um Protocolo de Pedintes de Refúgio). Fala-se de deportação para os indocumentados. Vai ser uma situação muito complicada para os haitianos. Dinheiro para voltar eles não têm, e estão afunilados dentro da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia (cercados pela floresta de todos os lados).

Sempre se falou que Brasília iria tratar com carinho a imigração haitiana. O governo sempre disse que era “mui amigo” dos haitianos. Muito se falou de um “visto humanitário” para eles. Agora o discurso prático é fechar as fronteiras, barrar! Fala-se de invasão de haitianos – eles não são nem mil no Brasil! Vamos ver o que vai acontecer nos próximos meses. Sentimo-nos, porém, atores dentro desta história toda.¹

1. Confira no site da CRB Nacional (www.crbnacional.org.br) mais detalhes e informações sobre o “Projeto Missionário” da Conferência dos Religiosos do Brasil no Haiti. E-mail da assessora nacional da CRB responsável pelo Projeto: irmaantonia@crbnacional.org.br.

Mensagem da Ir. Márian por ocasião do envio de três novas irmãs missionárias para o Haiti

Irmãs e irmãos,

O *Projeto de Solidariedade* entre a Igreja do Brasil e a Igreja do Haiti é símbolo do nosso amor preferencial às pessoas mais fortemente atingidas pelas consequências do terremoto de janeiro de 2010.

Enquanto se reflete sobre a melhor forma de reconstruir o país, lá estamos nós, como Igreja do Brasil, acolhendo em nossos braços a dor do povo, privilegiadamente das crianças.

Em setembro de 2010, enviamos as três primeiras *religiosas* que formaram a comunidade missionária intercongregacional a serviço da vida do povo haitiano, que sofre tanto. A CRB Nacional acompanhou todos os passos da instalação dessa comunidade através da Ir. Antonia Mendes Gomes, ndc, nossa assessora. Foi um período de adaptação muito difícil para as três missionárias, tendo em vista as inúmeras barreiras que precisavam ser superadas (residência, comida, saúde, comunicação etc.). Mas a fé em Deus e o desejo de ajudar aqueles nossos irmãos e irmãs foi muito maior. No final do ano, a comunidade já estava mais organizada e pouco a pouco o entrosamento com o povo foi acontecendo e as primeiras indicações de trabalho concreto surgiram também.

Agora, logo no começo de 2011, temos a alegria de reforçar aquela comunidade enviando outras três religiosas, o que é motivo de grande alegria para toda a nossa Conferência! As Irmãs Iolanda de Oliveira Carneiro, da Congregação das Irmãs da Divina Providência; Veraluce Porfírio dos Santos, da Congregação das Irmãs de Santa Catarina; e Maria Dalvani Sousa Andrade, da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, representam não apenas as suas respectivas Congregações, mas a Vida Religiosa do Brasil. Elas são a nossa mais bonita expressão de solidariedade fraterna para com o povo sofredor do Haiti. Em seu coração, essas três irmãs levam todo o sentimento cristão que queremos

transmitir naquele país destruído pelo terremoto do ano passado.

Nossa presença no Haiti quer ser uma presença simples e despretensiosa, uma presença amiga e acolhedora, alegre e simpática, como o povo brasileiro. Vamos viver no meio do povo, sofrendo com ele, sorrindo com ele, experimentando com ele também a Graça da Divina Providência que se faz presente em todos os momentos, sobretudo nos momentos mais terríveis da vida. Então, quando perguntarem a vocês o que vocês vão/foram fazer no Haiti, não se esqueçam de dizer: vamos/fomos viver com os mais sofridos entre os atingidos pelo terremoto, sinalizando a eles o *amor de Deus que não os abandona*, e o amor da Igreja do Brasil, que, desde sua inserção no coração missionário de Deus, hoje nos envia, em nome e em comunhão de fé e de esperança.

De maneira muito especial e carinhosa, em nome da CRB Nacional, agradeço a Ir. Rita Maria, provincial das Irmãs da Divina Providência; a Ir. Maria, conselheira-geral das Irmãs Catequistas Franciscanas; e a Ir. Terezinha, conselheira provincial das Irmãs de Santa Catarina, que vieram testemunhar pessoalmente o envio dessas três novas missionárias do Brasil ao Haiti.

Finalmente, recordo que a coordenação do *Projeto* é missão prioritária do Conselho Missionário Nacional (COMINA), cujo presidente, Dom Sérgio Castriani, preside esta celebração, em parceria com a *Caritas* brasileira, aqui também representada. A soma dos nossos esforços em favor da vida no Haiti certamente é a prova maior de que este *Projeto* tem as bênçãos da parte de Deus Nosso Senhor.

Aqui, no Brasil, ficaremos rezando por essa comunidade religiosa inserida na realidade sofrida do povo haitiano e por todas as pessoas que irão receber dela, em nosso nome, todo o amor que o Evangelho nos ensina e propõe.

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP
Presidente da CRB Nacional
<ir.marian@crbnacional.org.br>

Uma teologia a caminho: Seminário Internacional de Vida Consagrada Apostólica

VERA IVANISE BOMBONATTO, FSP*

Realizou-se em Roma, Itália, de 7 a 12 de fevereiro 2011, o Seminário Internacional promovido pela União das Superiores Gerais (USG) e pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG). Participaram do Seminário cerca de cinquenta pessoas, sendo vinte superiores(as) gerais e trinta teólogos(as) representantes dos diversos continentes.

Com o tema *Vida Consagrada Apostólica: identidade e significatividade*, o evento teve como objetivos principais:

- refletir sobre a teologia da Vida Religiosa Consagrada Apostólica hoje;
- identificar as principais questões e os principais acontecimentos do mundo e da Igreja que incidem na teologia em vista do futuro; e
- canalizar um estudo e uma pesquisa renovada neste campo para que cresça a vitalidade do testemunho dado pelas pessoas consagradas.

A metodologia usada contemplou, na parte da manhã, uma palestra principal e três ou quatro breves colocações complementares ao tema, intercaladas por breve discussão em grupo e em plenário. A parte da tarde foi reservada para o aprofundamento do tema, em grupos linguísticos, e para um plenário conclusivo do dia.¹

As celebrações eucarísticas e os momentos de espiritualidade foram muito bem preparados e possibilitaram a interiorização dos conteúdos, garantindo o clima orante do encontro.

A dinâmica possibilitou um diálogo enriquecedor entre os participantes, que buscaram encontrar pontos de consenso

* **Vera Ivanise Bombonato** é Irmã Paulina e membro da ERT (Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional) e do Conselho Editorial da revista *Convergência*.

1. O conteúdo das palestras, para quem estiver interessado(a) em o conhecer e aprofundar-se, está disponível em: <http://vd.pcn.net/it/index.php?option=com_docman&Itemid=44>.

para aprofundar a reflexão, experimentando concretamente o desafio da diversidade. Na partilha sincera, descobriram que múltiplos contextos alicerçam diferentes experiências, tornando-se necessária a criação de novas linguagens que tenham a força evangélica capaz de anunciar o Reino.

A reflexão fez crescer a consciência de estar a caminho, com Jesus, que chama para partilhar com ele a missão que recebeu do Pai. A referência a Jesus é fundamental para entender a Vida Consagrada Apostólica. Percorrendo com ele o caminho, descobre-se pessoas e situações nunca imaginadas. Algumas questionam e inquietam, e até desorientam. Mas Jesus ensina a olhar o mundo com amor, porque para salvá-lo é que foi enviado pelo Pai. A Vida Religiosa Apostólica caminha, com “os olhos fixos em Jesus” (cf. Hb 12,2), na companhia de muitos leigos e leigas, nesse peregrinar da esperança, rumo à Pátria Celeste.

Algumas preocupações e realidades estiveram presentes durante todo o encontro, provocando e estimulando os participantes: o desafio do pluralismo, da globalização e da cultura midiática, que despertam a urgência de repensar a teologia da Vida Religiosa Apostólica; a necessidade de teologias contextualizadas a partir de novas hermenêuticas também contextualizadas e que gerem novas linguagens; a necessidade de aprofundar a eclesiologia de comunhão e o lugar da Vida Religiosa Apostólica na Igreja e sua relação com os leigos; a necessidade de repensar a teologia da missão; a urgência de tornar mais evidente e inteligível a dimensão escatológica da nossa Vida Religiosa Apostólica; a conveniência de rever a presença e a atuação da Vida Religiosa em relação às grandes questões ecológicas e sociais.

A celebração eucarística conclusiva do encontro foi presidida por Dom Tobin, secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, que marcou presença no Seminário, acompanhando, com vivo interesse, parte das discussões e estimulando a reflexão teológica. Várias sugestões foram dadas em relação à continuidade do Seminário, as quais, oportunamente, serão analisadas pelos responsáveis das entidades organizadoras.

Da necessidade do lazer na Vida Religiosa

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

Trabalho, trabalho, trabalho...

Algumas pessoas, irmãs, irmãos, padres, monjas e monges, quem sabe, talvez até estranhem esse pequeno artigo. Não é comum encontrarmos por aí muitos comentários sobre o assunto. Parece que sorrir, brincar, passear, divertir-se, não é coisa para religiosas e religiosos “sérios”. Vivemos para o trabalho (no caso da vida contemplativa, “*ora et labora*”...!) e nossa consagração não permite nenhuma outra atividade que não esteja vinculada direta ou indiretamente à missão. Afinal de contas, somos apóstolos(as) de Cristo e temos pressa em construir o seu Reino já aqui neste mundo. Tudo é necessário, tudo é urgente, inadiável! Nosso negócio é trabalhar. Diversão fica sempre em segundo, terceiro ou décimo plano... Diga-se de passagem que em muitos dos nossos “projetos de vida comunitária” 95% do tempo às vezes é dedicado ao trabalho e somente 5% ao lazer ou coisas do gênero. Por isso, quando, por acaso, não estamos metidos em algum serviço apostólico-pastoral temos a impressão de que somos um tanto quanto “traidores” ou “desonestos”. Alguém pensará até em estar pecando! Muita gente chega mesmo a ter dor na consciência.

Estresse, estresse, estresse...

Na *Convergência* de dezembro de 2010 (n. 437), o Padre Edênio Vale, svd, falou sobre o tema do estresse na Vida Religiosa. Seria bom reler esse artigo na perspectiva, agora, do lazer, da sua falta, ou da sua urgente necessidade. Não

* **Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista, assessor de publicações, redator da revista *Convergência*, da CRB Nacional. **E-mail:** convergencia@crbnacional.org.br; plutarcosj@yahoo.com.br. **Blog:** plutarcoalmeida.blogspot.com.

seria o excesso de trabalho, aliado ao medo de “se dar uma folga” de vez em quando, um dos motivos para o nosso estresse atual? Aferrados que estamos ao trabalho, não acabamos por piorar a situação? O corre-corre da vida, especialmente na presente conjuntura, em que as Congregações a cada dia que passa contam com menos elementos em seus quadros, não resultaria numa crise de estresse? No afã de ter de dar conta de mil e uma atividades no colégio, na paróquia, no hospital, no centro social etc., as religiosas e os religiosos não estariam, como diz o povo, “procurando sarna para se coçar”?

Não é de hoje que o ativismo se faz presente na Vida Religiosa. Muita tinta, aliás, já se gastou para se falar sobre o assunto. E quando a superiora ou o superior não presta muito atenção ao que se passa na vida pessoal de cada membro da comunidade, varrendo para debaixo do tapete os problemas que começam a pipocar aqui e ali, então só se pode esperar que a “bomba” estoure mais tarde. E ela estoura, com toda certeza! Nessa hora é um tal de “valha-me Deus!”, e todo mundo fica conjecturando sobre o que poderia ter acontecido com aquela religiosa ou aquele religioso “tão boa/bom...”, que “trabalhava tão bem...”, que “era tão competente...”.

Jesus trabalhava, mas também se divertia!

Fico imaginando Jesus naquela festa das “bodas de Caná” (Jo 2,1-12). Dizem que as festas de casamento em Israel duravam até uma semana! Então, a pergunta que não me sai da cabeça é justamente esta: por que foi que ele aceitou o convite para ir às bodas? Por que ele não se desculpou simplesmente dizendo que tinha “outros compromissos inadiáveis” naquele dia? Não é este o recurso que hoje, às vezes, nós utilizamos? Tudo bem. Ao chegar lá, será que Jesus dançou, comeu, bebeu e se divertiu como todo mundo? Teria se refugiado, por acaso, num canto escuro da casa com a sua família? Mas isso não parece ser muito coerente com o comportamento social do Nazareno. Muito pelo contrário,

os Evangelhos nos falam de um Jesus Cristo que andava por todos os lugares, falando, pregando, entrando nas casas, conversando com o povo, partilhando a vida de toda gente. Ora, bolas, a vida não é feita somente de trabalho. O povo judeu sabia muito bem disso. E mais ainda: festa tem de ter música, comida e bebida, não é mesmo? Bem, se o Mestre fosse contra o terceiro elemento dessa combinação, certamente teria se recusado a fazer aí o seu primeiro milagre, transformando água em vinho. Não sou exegeta nem estudioso da Bíblia, mas suponho que o meu raciocínio não é assim tão estúpido, não.

Alguns dos nossos “recreios”

Agora, por favor, eu não estou falando aqui daqueles “recreios” superchatos que, às vezes, são promovidos na comunidade religiosa. Aqueles “recreios” a que a gente comparece quase que por “obrigação” ou para não desagradar a superiora ou o superior. Aliás, isso me faz lembrar um mestre de noviços que promoveu um desses momentos “recreativos” e que no auge da sua alegria resolveu tirar os sapatos como prova de “descontração” (!). Isso, para ele, era o autêntico, o mais puro “lazer”.

Não, não é isso. Eu me refiro a lazer, a festa, a diversão. Mas não se assustem nem peçam a minha cabeça à cúria romana. Não creio que para se divertir a pessoa consagrada tenha de “tomar todas”, dançar “na boquinha da garrafa”, contar piadas indecentes etc. Também porque não se tem notícia de que Jesus tivesse saído das bodas carregado, bêbado, nos ombros de José, seu pai, ou de algum amigo de Nazaré... A diversão na Vida Religiosa certamente não pode ser motivo para exageros de qualquer espécie. Moderação na comida, na bebida, nos gestos, nas palavras é o que deve prevalecer sempre. Mesmo porque, festejar, divertir-se etc. não é o mesmo que “chutar o pau da barraca”. Isso vale, é bom que se diga, para todo mundo, mas de modo especial para nós, religiosos e religiosas, não é verdade?

O lazer na Vida Religiosa

Então, o que é mesmo que eu quero dizer quando falo que o lazer é uma necessidade? Aonde estou querendo chegar, afinal? Em primeiro lugar, que o trabalho não é tudo. Não seremos nós, exclusivamente nós, os responsáveis pela chegada do Reino de Deus neste mundo. Não tentemos substituir, de repente, o Espírito Santo. Depois, o lazer, quando assumido com responsabilidade (e dignidade!), torna-se uma arma poderosa no combate ao estresse nosso de cada dia. Ir a uma praia, um teatro, um cinema, um passeio no parque, uma viagem para um lugar bonito etc. ajuda com certeza a desobstruir aqueles canais entupidos de compromissos, agendas, horários, cansaço físico e mental. Evidentemente, isso tudo pode ser feito em comunidade, todo mundo (ou quase) junto, partilhando a alegria de sermos consagrados ao serviço do Reino sem nos deixarmos, entretanto, escravizar pelo trabalho.

E a festa? Bem, festejar os aniversariantes da comunidade também faz bem. Mas é preciso saber “perder tempo”, bater papo, deixar-se levar por uma “conversa fiada”, contar piadas, brincar... E aí vale a pena até desmarcar compromissos para poder fazer-se presente, por que não? Ir às festas de leigas e leigos com os quais trabalhamos também deveria merecer a nossa atenção. Se partilhamos com essas pessoas os momentos de tensão no trabalho cotidiano, por que não partilharmos do mesmo jeito as suas alegrias?

Enfim, penso que seremos mais humanos, mais cristãos e muito mais religiosos e religiosas se conseguirmos de vez em quando quebrar sabiamente a dureza do trabalho diário com momentos de descontração, diversão, festa, lazer. Feliz, “bem-aventurado”, quem é capaz de cancelar compromissos em nome da alegria e da felicidade! Além dos benefícios propriamente econômicos, evitando despesas com terapias, remédios, até mesmo internações mais tarde, conseguiremos realizar verdadeiramente a nossa missão apostólica com mais ânimo, mais simplicidade, mais amor e mais alegria, que é seu fruto principal.

*** José Roque Junges** é jesuíta com doutorado em Teologia Moral, em 1986, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi por muitos anos professor de Moral na Faculdade de Teologia da FAJE de Belo Horizonte - MG. Atualmente, é professor e pesquisador de Bioética e de Saúde Coletiva na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo - RS. Última obra publicada: *(Bio)Ética ambiental*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010. **E-mail:** roquejunges@hotmail.com.

Biotecnologias: desafios éticos e teológicos da gestão técnica da vida

JOSÉ ROQUE JUNGES, SJ*

Os seres humanos sempre tentaram melhorar a reprodução da vida, quer vegetal, quer animal, quer humana. Cruzamentos de plantas e de animais que poderiam favorecer certas características mais apreciadas eram induzidos. Sementes de melhor produção eram selecionadas para o próximo plantio, reprodutores e matrizes que prometiam melhor rendimento no produto esperado eram valorizados. O mesmo acontecia na procriação humana, quando se fazia uso de certos sortilégios, como a atenção às fases da lua na relação sexual do casal para determinar o sexo do futuro bebê. Contudo, essas interferências humanas na reprodução da vida dependiam, em última análise, do ocaso da mistura dos dois códigos genéticos que forneciam o material para a constituição do novo ser. O ser humano não tinha verdadeiramente o controle da reprodução, que dependia de imprevistos e casualidades determinados pelo acaso.

Esse fato mudou radicalmente com o desenvolvimento da ciência genética, que facilitou o acesso e o controle dos mecanismos íntimos da reprodução da vida. Esse conhecimento abriu o caminho para o surgimento da engenharia genética e seus respectivos produtos, as biotecnologias, que possibilitaram a interferência e a manipulação dos processos genéticos da constituição dos seres vivos. Tornou também realizável a superação de uma das principais barreiras genéticas da vida, aquela que determinava que a reprodução só era possível dentro da mesma espécie. Hoje, com a engenharia genética, pode-se introduzir no código genético de um ser vivo genes de outra espécie. Com isso o ser humano começou a assumir o controle da evolução da vida. Ela não

depende mais unicamente do acaso e da seleção natural, mas o ser humano começa a dar-lhe uma direção. No momento em que entra a intencionalidade humana, a evolução, que antes era algo dependente unicamente das leis da natureza, adquire uma dimensão moral. O ser humano precisa perguntar se a direção que está sendo dada à reprodução da vida é eticamente correta, tendo presente a obrigação de que as interferências não impossibilitem a permanência da vida sobre a terra tal como ela foi concebida pelo Criador e desenvolvida pela evolução.

Outro elemento essencial para entender esse fenômeno é que as biotecnologias são a nova ponta de lança do mercado e, portanto, a reprodução da vida está sendo sempre mais determinada pelos interesses de lucro das grandes empresas. A vida, esvaziada de seu encantamento e mistério, ficou sempre mais reduzida a um puro produto de mercado. Por outro lado, é necessário ter presente que todas as manipulações genéticas realizadas com vegetais foram depois transferidas para o controle da reprodução dos animais de interesse comercial e, posteriormente, usadas como técnicas de reprodução assistida dos seres humanos. Essas técnicas foram anteriormente empregadas maciçamente em animais. Fica a pergunta se a ideologia que move essa aplicação não se transfere aos humanos, tornando-os também objetos de interesse do mercado, reduzindo a vida humana a puros processos biológicos.

Esse desencantamento e essa fragmentação atingem hoje o próprio ser humano, sempre mais esvaziado de sua unidade substancial humana, e mais passível de intervenções que podem pôr em perigo sua especificidade antropológica. Esse cenário aparece, principalmente, nas possíveis aplicações dos progressos da genética. As potencialidades abertas pela medicina genômica (medicina não mais curativa, mas restauradora da falha genética que produz a doença) são promissoras para a cura de inúmeras doenças e trarão certamente grandes benefícios para a humanidade, porque se sabe que muitas doenças têm um fundo genético. Contudo, no rasto das terapias gênicas virão transformações genéticas não mais terapêuticas, mas baseadas em desejos narcísicos

ou em pretensões eugênicas. Por exemplo: querer escolher o sexo e programar as características da criança que vai ser gerada por procriação assistida e melhorada por engenharia genética na sua futura saúde e desempenho de qualidade de vida. E não serão leis jurídicas que poderão impedir essas programações, pois responderão a demandas subjetivas criadas pela mentalidade cultural e transformadas em direitos com respaldo jurídico. Se a falta de uma visão sistêmica da natureza está na origem dos desastres ecológicos, que tipo de desastre antropológico a crescente fragmentação do ser humano poderá ocasionar no futuro? Como defender a dignidade de todo ser humano diante da sua crescente fragmentação e redução ao biológico?

Para entender os desafios que são postos pelas novas biotecnologias que reprogramam a vida, é importante entender o significado que hoje adquire a técnica como um sistema de organização dos sentidos e valores do ser humano e, por outro lado, dar-se conta de que as biotecnologias introduzem uma gestão da vida que instaura um biopoder, isto é, um sempre maior controle e poder sobre a vida. Esses dois desafios, a técnica como um sistema de valores e a gestão da vida como biopoder, típicas características da mentalidade cultural Pós-Moderna, são desafios teológicos e pastorais. A técnica vai sempre mais ocupando o lugar da religião como construtora de sentido para os limites dos seres humanos. Antes os mitos e a religião ajudavam a trabalhar e a ressignificar os limites, hoje a técnica apresenta-se como um caminho de superação dos limites. Outro desafio teológico é a gestão da vida como poder, porque o ser humano arvora para si a onipotência que antes era exclusividade de Deus.

A técnica como sistema simbólico da sociedade contemporânea

Para mostrar como a técnica torna-se um sistema simbólico, porque constrói sentidos para a vida na superação de limites, ocupando sempre mais o lugar da religião, pode-se partir de um exemplo. Um casal com formação universitária não conseguia ter filhos depois de muitas tentativas. O

fato estava levando o matrimônio ao rompimento. A mãe do esposo, com uma profunda crença espírita na reencarnação, muito preocupada com a possibilidade da destruição do vínculo, um dia teve uma conversa com o filho e lhe explicou que eles não conseguiam ter filhos porque ele, na encarnação anterior, teria sido um mau pai e um mau esposo, por isso que estava pagando por esse mal. A explicação convenceu o filho, que passou a aceitar o limite da impossibilidade de gerar um filho e não teve mais problemas com a esposa, porque adotaram uma criança.

A explicação religiosa ajudou o homem a aceitar o limite pela sua transsignificação simbólica. Um casal que tivesse a técnica como universo simbólico de explicação da realidade teria outra solução, porque recorreria a uma clínica de procriação assistida para ter a criança desejada. Mas a pergunta que fica é se esse último casal superou o limite no sentido mais profundo simbólico, já que não o transsignificou, apenas pulou por cima do limite. Esse exemplo ajuda a entender em que sentido a técnica está-se tornando sempre mais o sistema simbólico da sociedade contemporânea, ocupando o lugar que sempre coube à religião. O exemplo ajuda a entender a diferença entre uma resposta mítico-religiosa e uma resposta técnica aos limites que o ser humano enfrenta. A pergunta que se pode levantar é se a técnica consegue realizar o trabalho interior de transsignificação que a resposta mítico-religiosa possibilitava.

Para entender tal fenômeno, é oportuno introduzir o conceito de sistema técnico elaborado por Jacques Ellul.¹ O autor parte da constatação de que a técnica não é mais apenas um instrumento de uso, mas o meio, no sentido de ambiente, em que se vive. Assim como o homem primitivo não tinha nenhum distanciamento da natureza na qual estava inserido e que lhe oferecia os referenciais de compreensão do mundo, o homem Pós-Moderno está de tal maneira imerso no sistema técnico que não se dá conta dessa dependência “ecossistêmica” que lhe dispensa o paradigma de entendimento da realidade. Não se trata mais de puras máquinas, mas de um sistema técnico de cunho simbólico, uma oferta de sentido para o mundo.

1. ELLUL, J. *Le système technique*. Paris: Le Cherche Midi, 2004.

Ellul apresenta cinco características desse modelo.² Antes de mais nada, a técnica apresenta-se como algo já dado, porque ela é o meio no qual o ser humano nasce e se insere. Ele não tem escolha para decidir se essa é a melhor condição, porque a técnica apresenta-se como uma evidência imediata de eficácia, a partir da qual ele começa a pensar e compreender o mundo. Dessa característica advém a segunda: toda formação intelectual consiste em preparar o ser humano para entrar de uma maneira positiva e eficaz no sistema técnico. Nesse sentido, a formação humanística é superada em proveito de uma formação científica e técnica. O mundo do trabalho está totalmente organizado pela técnica e a própria imagem do que é lazer está identificada com uma adaptação às necessidades técnicas. Assim, temos um ser humano tecnificado, não mecanizado, porque a sua cultura é a técnica como referencial simbólico. Isso leva à quarta característica, que diz que o sistema técnico organiza os desejos e as necessidades humanas.

Ele realiza as velhas necessidades, suscita novas aspirações e dá corpo aos sonhos do ser humano. A técnica é a resposta aos seus desejos. A técnica é o meio de realização dos desejos. Os limites do antigo sistema natural para efetivar os desejos são superados pelo sistema técnico que potencializa a execução de sonhos antes irrealizáveis. As próprias necessidades transformadas em desejos desafiam as capacidades da tecnologia em realizá-las. Assim, pode-se entender porque a técnica tornou-se o sistema simbólico da nossa cultura. Essa constatação aponta para a quinta característica, a de que o ser humano, na sociedade atual, não tem nenhum ponto de referência intelectual, moral ou espiritual a partir do qual possa julgar e criticar a técnica.

No momento em que a técnica adquire uma dimensão simbólica, não existe mais um distanciamento para poder avaliar o seu uso, porque ela se tornou o universo de sentido para a realidade. Assim como o homem primitivo não tinha nenhum distanciamento diante da natureza e por isso não tinha condições para julgar o seu uso, o homem Pós-Moderno não tem autonomia para decidir sobre o emprego ou não de determinada técnica. Vive-se sob o imperativo

2. Ibid., p. 320-328.

técnico. Se isso vale para qualquer técnica, muito mais para as biotecnologias, que são a verdadeira configuração simbólica da subjetividade no atual sistema técnico. Nesse sentido, as biotecnologias desenvolvem dinâmicas biopolíticas de gestão da vida, porque configuram a subjetividade das pessoas, constituindo-se como um biopoder.

Biopoder e agenciamentos simbólicos das biotecnologias

O conceito de biopoder foi desenvolvido por Foucault.³ Se antes o Estado tinha o poder sobre a vida e a morte dos indivíduos, causar a morte ou deixar viver pelo poder da guerra ou da pena capital, a partir do século XVII o poder político assumiu a tarefa de gerir a vida através da disciplina dos corpos ou dos controles reguladores das populações. Esses são os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida: a disciplina anátomo-política dos corpos individuais e a regulação biopolítica das populações. Se antes a organização do poder de Estado estava centrada na defesa do território e para defendê-lo mandava as pessoas para a morte, nos tempos modernos o poder constitui-se a partir da gestão da vida das pessoas. O Estado moderno não está mais interessado em matar, mas em fazer viver a serviço dos interesses de funcionamento desse Estado.

Por isso, o surgimento da medicina social e a consequente preocupação do Estado pela saúde pública responderam a esse objetivo. Assim, a função do poder não é mais matar, mas investir na vida. A potência da morte é substituída pela administração dos corpos e a gestão calculista da vida. Para Foucault, a organização do *bio*-poder foi necessária para o desenvolvimento do capitalismo, porque era necessário, por um lado, inserir os corpos disciplinados dos trabalhadores no aparelho a serviço da produção e, por outro, regular e ajustar o fenômeno da população aos processos econômicos. Assim nasceu a preocupação do Estado em velar pela saúde das pessoas para ter trabalhadores saudáveis e disciplinados a serviço da estrutura produtiva.

3. FOUCAULT, M. *História da sexualidade I; a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

O filósofo italiano Giorgio Agamben⁴ retoma o tema do biopoder explicitando novas facetas de cunho jurídico e político. O que torna possível a biopolítica desenvolvida pelo biopoder é a redução da vida humana à sua precariedade e vulnerabilidade biológicas ou a restrição do ser humano à sua vida nua, isto é, à vida física. Para entender esse fenômeno, Agamben parte da distinção grega dos dois sentidos de vida: “*bios*”, identificada com o âmbito público da vida moral e política, que diferencia a vida humana da vida animal, e “*zoé*”, a vida física ou natural do âmbito privado, que põe os humanos e os animais no mesmo patamar. Na Modernidade, a *bios* moral e política foi sempre mais reduzida ao âmbito da consciência privada, e a *zoé* natural passou a fazer parte do exercício público do poder.

A vida na sua nudez física, incluída na gestão das biopolíticas, foi uma total novidade em relação ao mundo antigo. Essa redução da vida à sua precariedade natural cria as condições para sua inclusão na gestão do poder e possibilita a instauração do regime jurídico da exceção, pelo qual a lei, criada para proteger o indivíduo, é continuamente quebrada, porque o sujeito, esvaziado de sua proteção jurídica pela sua restrição à vida nua física, fica à mercê do biopoder.

Uma das estratégias da biopolítica é esvaziar as pessoas de sua dignidade (*bios*), reduzindo-as à pura vida nua (*zoé*) dos processos biológicos. Assim é mais fácil manipulá-las e discriminá-las. A expulsão de estrangeiros da Europa obedece a esse mecanismo, porque o africano que chega num aeroporto europeu é esvaziado de sua dignidade de cidadão e reduzido à pura vida nua física para que seja deportado.

Dois outros autores, Hardt e Negri,⁵ em suas análises do hoje império global, insistem na dimensão produtiva do biopoder, pois o exercício do poder imperial acontece num contexto biopolítico, isto é, de controle e de gestão da vida. Hoje, o império global, que é mais econômico do que político, constitui os sujeitos, formando a sua consciência através da indústria da mídia. O sujeito é produzido dentro de um processo biopolítico de constituição social. Não existe apenas um controle sobre a vida, mas o próprio contexto

4. AGAMBEN, G. *Homo sacer 1; o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

5. HARDT, M.; NEGRI, T. *Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

biopolítico em que essa vida se desenvolve é constituído pela máquina imperial.

O império cria um contexto de gestão da vida no qual os indivíduos são controlados. A nova ordem mundial muda radicalmente essa gestão, pois não se trata mais de um controle do Estado, mas das grandes corporações industriais e financeiras que não produzem só mercadorias, mas também subjetividades. Produzem subjetividades agenciadas dentro do contexto biopolítico, produzindo necessidades, relações sociais, corpos e mentes, ou, em outras palavras, produzem produtores do sistema. As indústrias de comunicação jogam um papel de destaque, como legitimadoras da máquina imperial nessa produção de subjetividades. Como fruto desse processo integrador, o império e seu regime de biopoder tendem a fazer coincidir produção econômica e constituição política. Assim, o biopoder criado pelas biotecnologias é um poder imperial, possibilitado pelo mercado global da vida.

Quais são, hoje, as manifestações e as incidências do *bio*-poder? A proliferação da indústria farmacêutica e das tecnologias médicas sempre mais sofisticadas de diagnóstico e de terapêutica clínica e as futuras possibilidades abertas pela medicina genômica através das terapias genéticas criam e alimentam a utopia da saúde perfeita, que se transforma, aos poucos, numa ideologia de consumo. Dessa utopia faz parte pensar que um dia será possível eliminar todas as doenças pela intervenção no gene.⁶

A saúde, na Modernidade tardia, passou a ser mais do que cultivada, tornou-se uma mania cultural coletiva de saúde, chamada por Nogueira⁷ de “higiomania” (do grego “*hugiés*”: sadio, saudável, robusto). O grande objetivo da “higiomania” é apartar da noção de saúde toda associação possível com doença, morte e envelhecimento. Seu narcisismo não lhe permite encarar essas contingências da vida humana. A “higiomania” é mais uma expressão da *hybris* moderna na pretensão de criar seres humanos imortais. Mas Nogueira⁸ se pergunta: “Imortais para quê? Talvez para continuarem consumidores para todo o sempre”.

6. SFEZ, L. *A saúde perfeita. Crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.

7. NOGUEIRA, R. P. Higiomania: a obsessão com a saúde na sociedade contemporânea. In: VASCONCELOS, E. M. (org.). *A saúde nas palavras e nos gestos. Reflexões da rede educação popular e saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 63-72 – aqui, p. 64.

8. *Ibid.*, p. 71.

A realização dessa utopia acontece pelo consumo de biotecnologias que oferecem a saúde. Em outras palavras: a saúde transforma-se numa mercadoria a consumir. Essa dinâmica consumista tem como referência o complexo médico-industrial da produção de medicamentos.

Hoje, essa dinâmica é muito mais complexa, porque as ofertas de consumo de biotecnologias prometendo saúde são simbolicamente muito mais marcantes e sofisticadas. É o que Teixeira⁹ chama de agenciamentos simbólicos das biotecnologias na produção de subjetividade em saúde. Não se trata, apenas, de consumir um produto que vende saúde, mas produzir um novo sujeito na saúde. A ideia de agenciamento aponta para o caráter de agente simbólico das biotecnologias nos processos coletivos de produção de subjetividade, deixando de vê-las como pura exterioridade inerte em relação ao sujeito. Em outras palavras: as biotecnologias criam demandas de saúde que produzem subjetividade. Quando o autor adjetiva esses agenciamentos das biotecnologias de simbólicos, está afirmando que tais processos acontecem no ambiente sociocultural do sistema técnico. Esse ambiente determina os processos coletivos de produção cultural da subjetividade. “O que pomos efetivamente no mundo como objetos técnicos não são meramente tecnologias materiais, mas grandes sistemas compostos e complexos, indistintos e indissociáveis de técnicas e signos.”¹⁰

As ofertas biotecnológicas de saúde dão origem a sistemas técnico-simbólicos complexos e potentes que são o meio cultural agenciador da nova subjetividade sanitária com novas demandas em saúde, obrigando a repensar o próprio direito à saúde. Esse investimento simbólico das técnicas a serviço da saúde dá uma nova configuração ao biopoder, porque possibilita o surgimento de um poder agenciador de demandas a quem detém as biotecnologias, por causa da ligação entre técnicas e signos que dota a mercadoria saúde de eficácia simbólica.

Se antes o biopoder manifestava-se como gestão calculadora, por parte do Estado, da vida biológica dos corpos e das populações, hoje o biopoder revela-se como agenciamento simbólico das técnicas a serviço da saúde por parte

9. TEIXEIRA, R. R. Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: uma contribuição para o debate sobre a transformação do sujeito em saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1, p. 49-61, 2001.

10. *Ibid.*, p. 56.

da empresa biotecnológica. Nos dois casos está presente o controle do biopoder. O primeiro mais direto numa perspectiva biológica e o segundo, mais sutil, de cunho consumista e simbólico.

Crítica teológica das biotecnologias como produtoras de sentido e de dinâmicas biopolíticas

Sem essa reflexão mais em profundidade sobre o sistema técnico como sistema simbólico da sociedade atual e sobre as dinâmicas biopolíticas desenvolvidas pelo biopoder dos grandes conglomerados econômicos, aspectos essenciais para entender o complexo fenômeno das biotecnologias, nossa visão e nossos posicionamentos são ingênuos, como muitas vezes acontece em ambientes de Igreja. As biotecnologias são produtoras de sentido e de dinâmicas biopolíticas porque configuram as subjetividades na sociedade contemporânea. Quais são os desafios teológicos e éticos dessas configurações das biotecnologias?

A Modernidade colocou nas mãos do ser humano poderes técnicos jamais vistos para superar determinismos, dificuldades e problemas que antes afligiam a humanidade. Possibilitaram saúde, conforto e bem-estar. Nesse sentido, a ciência e a técnica sempre tiveram como objetivo primordial o benefício da humanidade. As vitórias para aperfeiçoar e corrigir leis inexoráveis da natureza a serviço de maior qualidade de vida possibilitaram a euforia, que motivou a ideologia do progresso crescente e contínuo. Essa ideologia foi dando origem, na mentalidade atual, ao mito prometeico do poder ilimitado e ao conseqüente desejo de onipotência que alimenta a tendência narcísica da negação da contingência e da fragilidade. Aqui está o núcleo da crise existencial que se vive na cultura atual. As depressões são um exemplo da dificuldade de lidar com o limite e a frustração. O poder que as biotecnologias criam precisa ser entendido nesse contexto.

A onipotência possibilitada pelas biotecnologias dificulta às pessoas aceitar as limitações e a finitude, compreendendo

que são vulneráveis e não podem tudo. Esse esquecimento da vulnerabilidade nega uma característica fundamental do ser humano, base para a autonomia e a responsabilidade. A não aceitação da contingência e da limitação impossibilita a autonomia, porque não constitui o sujeito, já que não o ajuda a superar a fase narcísica, ao contrário, leva-o a ensimesmar-se. Não enfrenta a realidade adversa no âmbito simbólico da significação, mas busca uma solução protética (substitutiva) que cria a ilusão de que o problema está superado. Ao não enfrentar a dureza da realidade pela transsignificação, fixando-se no encapsulamento do prazer, o indivíduo não forma o núcleo do *self*, não podendo ser um sujeito verdadeiramente autônomo e responsável.

A interpretação teológica desse desejo de onipotência e de não aceitação da finitude é o que a tradição cristã chamou de “pecado original”. Identifica-se com a autossuficiência ou o desejo de querer ser igual a Deus, negando a própria limitação. Trata-se de uma tendência ao autocentramento. Uma vez que o indivíduo se basta a si mesmo e pode tudo, ele começa a negar o outro semelhante e o grande Outro Deus como limites. Essa negação da alteridade como limite abre o caminho para o mal.

Em ambientes eclesiais, o debate bioético sobre biotecnologias, muitas vezes, usa o argumento de que os cientistas estão “brincando de Deus” quando “avançam o sinal” em certas inovações biotecnológicas.¹¹ Por trás está a compreensão de que existem certos âmbitos da realidade que pertencem a Deus e não podem ser invadidos. O argumento, no fundo, quer definir limites que não podem ser transpostos. Ele não tem nada a ver com brincar nem com Deus, pois se refere ao conhecimento científico e ao poder sobre a natureza. Desde o Iluminismo, existe uma hegemonia do conhecimento científico. A humanidade chegou à sua maturidade, e não mais necessita da hipótese “deus” para resolver seus problemas. Não é permitido à ciência, como tal, recorrer a Deus para suprir sua ignorância, porque ela trabalha *etsi Deus non daretur*, isto é, como se Deus não fosse dado. Por isso, não existe mais lugar para um “deus tapa-buraco”, o qual é invocado quando o ser humano é

11. VERHEY, A. “Playing God” and invoking a perspective. *The Journal of Medicine and Philosophy*, v. 20, n. 4, p. 347-364, 1995.

impotente e vai perdendo espaço à medida que aumentam as fronteiras do poder e do conhecimento científico usurpadas do domínio de Deus.

Desse modo, “brincar de Deus” não é um princípio, mas uma perspectiva. Quer lembrar à humanidade da sua fragilidade e finitude. Contrapõe-se ao desejo narcísico de onipotência que caracteriza a cultura que inspira a produção de biotecnologias. Em inglês, a palavra *playing* engloba diversos significados: brincar (divertimento), jogar (jogo), tocar (música), representar (teatro). Para compreender o argumento *playing God*, é necessário considerá-los. O problema não é brincar de Deus como a criança, e sim não jogar, ou não tocar, ou não representar à maneira de Deus. O problema não está em ocupar o lugar de Deus, mas em não o ocupar à moda de Deus ou do modo como Deus se posiciona diante da natureza e do próprio ser humano. Não se trata de substituir um Deus ausente nem, muito menos, querer ser Deus, mas representar ou jogar de Deus, como se Deus fosse dado, *etsi Deus daretur*, porque é necessário olhar para ele para ver como agir à maneira de Deus. É necessário perguntar quem é o Deus a quem somos convidados a imitar. Portanto, devemos brincar de Deus, mas de um modo adequado que olha para o modo como Deus age para intervir na natureza. Mas para isso precisamos perguntar como Deus age. E esse agir certamente não se identifica com o modo humano de dominar.

A perspectiva criada pelo argumento de brincar de Deus leva a reconsiderar a afirmação comum de Deus como todo-poderoso e onipotente.¹² Por trás da compreensão comum do argumento “brincar de Deus” está essa visão. Já que Deus não é mais dado, os seres humanos consideram a si mesmos como onipotentes. O que antes foi afirmado, antropomorficamente, de Deus, com base no imperador todo-poderoso bizantino considerado *Pantocrator*, agora é reconquistado pelo ser humano para si mesmo. Por isso, é necessário fazer uma crítica teológica da visão vulgar e antropomorfizada de Deus como todo-poderoso, porque essa concepção está na base do desejo de onipotência possibilitado pelas biotecnologias.

12. BABUT, E. O. *Deus poderosamente fraco da Bíblia*. Trad. do francês de A. Vanucchi. São Paulo: Loyola, 2001.

Fazemos duas afirmações sobre Deus que entram em choque, amor e onipotência, que sempre foram base da crítica de ateus à compreensão cristã de Deus. Eles dizem: “Vosso Deus é todo-poderoso e é todo amor, por que, então, não resolve o problema das injustiças e sofrimentos do mundo?”. As respostas dadas a essa objeção, em geral, não são convincentes. É necessário fazer uma crítica à maneira como Deus foi apresentado como todo-poderoso. O ponto de partida para compreender o Deus anunciado por Jesus de Nazaré são o amor e a misericórdia, não a onipotência. Ora, quem ama sempre se autolimita, portanto não é todo-poderoso no modo antropomorfizado de entender a onipotência.

Ao criar as criaturas, principalmente o ser humano, Deus se autolimitou por amor. A criação segue as suas leis, e Deus não intervém para anulá-las. O ser humano, criado em liberdade, pode contrapor-se a Deus. Se Deus é amor, ele só podia criar autolimitando-se. Trata-se de uma limitação que Deus se impõe a si mesmo por amor. Deus só pode ser todo-poderoso no amor. Esse é o Deus que se revela em Jesus de Nazaré. Quem ama se autolimita, e Deus é o sumo amor. O ser humano precisa aprender de Deus essa autolimitação por amor se quiser “brincar” de Deus. O desafio teológico das biotecnologias para os cristãos é ajudar os membros da mentalidade atual a aceitarem limites e aprender a se autolimitar quando “brincam de Deus”. Os cristãos o farão pelo modo como falam do seu Deus revelado em Jesus de Nazaré.

Portanto, o modo de fazer uma crítica ética do desejo de onipotência presente nas biotecnologias é desenvolvendo uma crítica teológica da compreensão antropomorfizada de Deus como todo-poderoso, porque ela está na base desse desejo.

Conclusão

Refletir sobre as biotecnologias não pode significar nem o deslumbramento nem a demonização. É necessário desentranhar as dinâmicas culturais que as possibilitam e configuram. A compreensão da técnica como um sistema simbólico de construção de sentido ajuda a entender que as

biotecnologias não são puros instrumentos e meios, mas elas engendram valores simbólicos que constituem a mentalidade atual. Por outro lado, não se pode falar de biotecnologias sem dar-se conta de que elas são, hoje, a máxima expressão do biopoder, que desenvolve dinâmicas biopolíticas de construção e de controle da subjetividade na sociedade Pós-Moderna. Assim, o desafio ético fundamental das biotecnologias é a sua produção de sentido e de subjetividade. Esse desafio remete à leitura teológica do desejo de onipotência que as biotecnologias engendram na subjetividade contemporânea. Essa leitura pressupõe uma crítica teológica da compreensão vulgar e antropomorfizada da própria onipotência de Deus, presente no argumento de não brincar de Deus aplicado às biotecnologias.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais mudanças trouxeram as biotecnologias para a reprodução da vida? Em que contexto essas mudanças aconteceram?
2. Em que sentido a técnica tornou-se o sistema simbólico da sociedade contemporânea? Como as biotecnologias são construtoras de sentido?
3. Por que as biotecnologias são um biopoder que desenvolve dinâmicas biopolíticas? Como elas são as configuradoras da subjetividade atual?
4. O que o desejo de onipotência possibilitado pelas biotecnologias tem a ver com a nossa afirmação de Deus como todo-poderoso? Como entender o argumento teológico de brincar de Deus aplicado às biotecnologias?

Amor, louvor, dom total da vida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo

* Carlos Josaphat

é frei dominicano, doutor em Teologia, professor emérito da Universidade de Fribourg (Suíça), professor do ITESP (São Paulo), da EDT (Escola Dominicana de Teologia) e da PUC-SP. **Endereço do autor:** Rua João de Santa Maria, 142, CEP 04158-070, Jardim da Saúde, São Paulo-SP. **E-mail:** frei_carlos@uol.com.br.

1. Retomamos quase literalmente a proclamação do Vaticano II, no início do capítulo primeiro da Constituição sobre a revelação divina, *Dei Verbum*: “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2 Pd 1,4)”.

CARLOS JOSAPHAT, OP*

Esta é a verdade primeira, o elã que motiva e ativa a espiritualidade evangélica. Pela sua palavra, por seus gestos e atitudes, por toda a orientação de sua vida, Jesus se empenha em nos consagrar, unir e conformar à comunhão de vida, conhecimento e amor, que se designa sob o nome augusto da Santíssima Trindade. E em sua pedagogia nos ensina a reconhecer e trilhar os caminhos da condescendência seguidos pela revelação desse Mistério que une o íntimo de Deus e o íntimo de nós.

É um luminoso vaivém de amor. O Pai se dá a nós por seu Filho e no Espírito Santo. No Espírito Santo, pelo Filho, somos chamados e agraciados para nos darmos amorosamente ao Pai.¹

Quando o Papa nos surpreendeu

Com muita felicidade, essa mensagem foi levantada como uma bandeira no alvorecer do terceiro milênio. Pois não é que o Papa João Paulo II nos surpreendeu com um gesto que, mais do que qualquer outro, bem merece o nome de profético. Superando todas as vagas de consagrações, já costumeiras para marcar grandes datas na história da cristandade, o Papa convidou a Igreja e a humanidade a consagrar o novo milênio ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Aprimorando o acerto de seu oportuno projeto, indicou que tal ascensão das inteligências e dos corações no dom total à Trindade Divina haveria de ser iluminada e guiada pela trilogia das virtudes divinas, a fé, a esperança e a caridade.

Enfim, coroando seu propósito, tão lúcido e apropriado, o Papa ordenou que o primeiro ano (1997) fosse dedicado ao Filho, o segundo (1998) ao Espírito, e o terceiro (1999) ao Pai. O ano 2000 seria abençoado pela plena consagração à Santíssima Trindade.

O pontífice retomava, assim, aquela síntese realizada nos tempos áureos da tradição cristã pelos Santos Padres da Igreja. Na reflexão, na meditação, na contemplação, esses Pais da Igreja reconheceram e ensinaram o verdadeiro segredo da doutrina e da espiritualidade. Mostravam com insistência que toda a história da salvação, recapitulada na Nova Aliança, se resumia e resplandecia na maravilhosa “condescendência” da Glória Divina, que revelou sua transcendência na sua descida até o chão de nosso dia a dia.

O coração dessa Aliança, o núcleo da revelação definitiva vem a ser a própria Vida íntima de Deus, instaurando uma comunhão de amizade, de um mútuo benquerer do Criador e de sua criatura bem-amada.

A renovação da Igreja e a refundação da Vida Religiosa são iluminadas e dinamizadas pela contemplação desta mensagem primordial do Evangelho: o Pai vem a nós pelo dom visível do Filho e pela comunicação interior do Espírito, para tornar divinamente possível nossa ascensão no Espírito que em nós habita, pelo Filho revelador e redentor, rumo ao Pai de Cristo e nosso.

Por amor, o Pai nos agraciou com esse duplo Dom, e por ele vai realizando seu plano carinhoso de nos introduzir na intimidade da Comunhão trinitária.

Revelar o Mistério, fineza do amor

Séculos de cinzentas controvérsias na história antiga e moderna contribuíram para jogar umas sombras sobre o centro luminoso do pensamento cristão. Acabaram fazendo do Mistério da Trindade um problema ou mesmo um desafio para a razão. Sem dúvida, a revelação do Mistério solicita uma homenagem da inteligência. Pois esta há de começar

por reconhecer a Transcendência do que Deus é em seu ser, em sua vida íntima, na plenitude de sua perfeição.

A criatura, chegando a conhecer a verdade de seu ser limitado, na mesma medida vê como plenamente razoável que sua capacidade finita seja inteiramente superada pela Realidade infinita, pelo Mistério de Deus. Mais ainda. Uma mensagem sobre Deus só pode merecer nossa atenção de criaturas racionais se, logo de início, ela se apresentar solicitando que se reconheçam e transgridam os limites da razão.

Demos um passo à frente. Se Deus se revela na verdade própria do seu ser, no Mistério que ele é como Amor infinito e fonte universal de amor, o conhecimento que vem dessa revelação, para além de uma adesão intelectual, semeia em nós os germes de uma intimidade crescente com o Deus vivo. A fé enaltece a condição da criatura, apontando no Mistério revelado a Face amorosa de Deus que se digna mostrar como convém dentro do claro-escuro de nossa condição terrestre. Com esse dom em que Deus mesmo se dá, ele inaugura a comunhão direta e imediata conosco, dispondo-nos a viver nossa vocação de parceiros de sua eterna Comunhão de Amor.

Só o amor é digno de fé. É a grande lição do Evangelho. A revelação não vem como concorrência e desafio. Ela começa por despertar nossa admiração pela beleza da amabilidade de Deus. É por aí que ele nos cativa e seduz. Ao levar a termo sua missão de revelador vindo “do seio do Pai”, Jesus enfeixa o objetivo de seu projeto nestas palavras de uma suavidade luminosa: “Sois meus amigos porque eu vos confidenciei os segredos de Deus” (cf. Jo 15,15).

A boa porta de entrada para a espiritualidade como para a teologia é a acolhida humilde e corajosa dessa dimensão mística do Evangelho e de nossa fé. A confiança na razão em seus domínios e em seus limites fraterniza com o sentido do Mistério, com a disposição de crer, de tudo apostar no Amor infinito e universal.

Com efeito, para quem se põe a caminho em busca de perfeição, anunciada no Sermão da Montanha, a mística é

o alto pico, difícil de galgar, pairando mesmo para muitos qual lindo horizonte apenas vislumbrado.

De fato, no Evangelho, nesta Boa-Nova anunciada por Jesus, a mística está no começo, no meio e no fim da espiritualidade. Pois o Mistério, o eterno Amor escondido, vem para ser a nossa vida, que se desdobra no tempo, em múltiplas etapas de uma paciente caminhada.

Uma bela ilustração precede e ilumina os primórdios do anúncio do Evangelho, mostrando como acolher a Boa-Nova do Amor que vem à cata de amor. Esse prólogo do *Logos* que vem alumiar e incender a humanidade resplandece nos cânticos de ação de graças que brotam do coração de Maria, a mulher escolhida para ser a ponte de amor, ligando o céu e a terra. Depois, quando o Reino vai se difundindo no seu sacramento, que é a Igreja, sua realidade de graça ressoa por toda a terra nos salmos de louvor do apóstolo Paulo ao contemplar aquele que Deus nos deu por seu Filho e em seu Espírito.

O louvor, a ação de graças envolve a acolhida do Mistério da vida e do amor, que é o próprio Deus se revelando no gesto carinhoso de doação, que o Pai nos faz por Jesus, que vem como o Filho, como o *Logos* de Deus, a Palavra em que Deus se profere. E a *Teologia* – Deus se dizendo em seu *Logos* – estabelece sua tenda entre nós.

“Universidade popular” do Logos divino

Em palavras de gente da rua ou da roça, e mediante as experiências mais simples, Jesus realiza a Aliança perfeita: homens e mulheres, sem estudo e sem título algum, se tornam “teodidatas” (Jo 6,45), discípulos, ensinados direta e imediatamente por Deus a conhecer o próprio Deus.

Tal se apresenta a divina “universidade popular”. É a *lógica divina* que o *Logos de Deus* desdobra para nós, assumindo a pedagogia mais humana. Está aí onde e como nos foi dado “ouvir, ver, contemplar, tocar com as nossas mãos” (cf. 1Jo 1,1) o Mistério de vida, de amor, de comunhão que é Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A Santíssima Trindade vem a

nós e nós excede em toda a nossa capacidade de conhecer e de amar. Mas seu intento primeiro é envolver-nos e abraçar-nos na intimidade da comunhão amorosa. Faz de nós os contemplativos e os adoradores, vivendo, no simples dia a dia, a sublime perfeição do “culto em espírito e em verdade” (cf. Jo 4,20).

Na ternura dessa pedagogia carinhosa e progressiva, o ensino de Jesus visa a manifestar primeiro o Pai, o Pai em sua relação íntima com o Filho, Filho bem-amado na humildade da carne e no esplendor da Glória. Em seguida, vai revelando o Espírito de verdade e de amor, qual laço de comunhão entre o Pai e o Filho, aos quais ele nos une, fazendo-nos participar da mesma comunhão de vida, de conhecimento e de dom total.

Assim, a espiritualidade evangélica consiste, antes de tudo, em entrar ou nos deixar introduzir nessa pedagogia divina e humana de Jesus para ser elevados à plena intimidade, à contemplação da Santíssima Trindade.

O primeiro traço dessa pedagogia, o empenho fundador de Jesus, é conduzir seus ouvintes e especialmente seus discípulos ao conhecimento autêntico e ao verdadeiro culto de Deus. A religião corre sempre o risco de ocultar a Face de Deus, de barrar por práticas opacas o encontro direto e imediato com Deus em uma fé que é adesão e dom da criatura ao Criador. Jesus critica áspera e fortemente esses desvios dos praticantes e mestres da religião de seu tempo. Pois ele os vê como os açambarcadores e manipuladores da religião em proveito de seus privilégios.

Com firmeza e doçura, o Mestre nos mostra que é preciso ceder o lugar a Deus, pois o conhecer é deixar-se assumir por Deus, Amor universal. Ele começa por apontar para esse Deus que é Pai. Este, que nos será dado invocar e amar como Pai nosso, é, no sentido pleno, Pai de Jesus. Só o Filho pode e vem revelar o Pai. Mas também aprendemos que só podemos conhecer na verdade o Pai e o Filho na luz interior e na ação suave e transformadora do Espírito.

Dom que nos transforma em doação

Assim, em uma pedagogia sublime e paciente realizamos aquele projeto do Mestre Divino de sermos “teodidatas”, os ditos aprendizes de Deus, de Deus recebendo direta e imediatamente o conhecimento de Deus. Deus se revela e se dá em seu mistério íntimo, como Comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Longe, portanto, de pensar que a revelação divina propõe um enigma ou desafio à razão, havemos de reconhecer e agradecer, pois é por uma delicada fineza de amor que a Santíssima Trindade nos é confiada. O íntimo de Deus vem habitar o íntimo de nós, para formar a Igreja como a ditosa Comunhão dos santos e da santidade.

Então, o dom da revelação nos plasma à semelhança da Trindade. Vamos ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, na medida em que somos introduzidos na plena verdade (cf. Jo 16,13). O que significa nos deixar transformar em nosso ser íntimo pela Trindade Santíssima que em nós habita. Pois ela mesma nos santifica por essa graça divinizante e iluminadora que nos une à Graça incriada.

É esse dom da presença escondida e transformadora da própria Trindade que semeia e faz desabrochar em nós a espiritualidade evangélica. O que significa a busca de perfeição no dom total de nós mesmos ao Reino e à comunhão fraterna. Essa espiritualidade tem, assim, na devoção primeira – digamos, na mística trinitária –, a sua fonte, seu elã e seu termo.

Jesus deu sua vida para realizar o dom dessa graça criadora de uma nova humanidade. E ele foi condenado à morte por aqueles que não aceitaram o Deus que é Comunhão de Amor, viram com razão que o Deus de Jesus era incompatível com a religião dos interesses, das ambições, da vanglória e da dominação.

Tal obstáculo perdura através dos tempos. Esboçemos uma simples indicação que não nos afaste de nossa marcha espiritual, mas a ela nos disponha, tornando-nos atentos aos adversários domésticos. Na velha cristandade medieval,

generalizou-se certo apelo interesseiro a Cristo e ao Espírito. Longe de levar a estreitar a comunhão com Deus e com os irmãos, o que essa religião egocêntrica visava era reforçar o poder absoluto, sacralizando essa forma de dominação na Igreja e na sociedade.

Apelava-se, sim, para Cristo fundador da Igreja não para agradecer o dom da graça e do Evangelho de que ela é o grande sacramento, mas para garantir e consolidar seu poder absoluto, sua autoridade, fecunda em preceitos, em interditos e até em excomunhões. Essa hipertrofia e concentração de poder ofuscavam o dom primordial do Espírito de Cristo, Espírito de verdade e liberdade, de amor e comunhão. Ou, então, agravando o desvio, apontava-se para o Espírito, destacando apenas sua “assistência” a um poder central, alheio à colegialidade, à partilha e ao diálogo. Busca-se, desse modo, impor a ortodoxia pelos meios da força, não pela suave ternura do Espírito, difundido nos corações e nas comunidades. Ele nos é dado para nos manifestar a Misericórdia do Pai, tornada presente na história por seu Filho encarnado, que nos ensina com palavras e exemplos de doçura e bondade.

O ensino de Jesus foi elaborado por Paulo em uma teologia de louvor e de ação de graças, condensada nos salmos de suprema sabedoria que vêm a ser os prólogos de suas Cartas, especialmente aos Romanos, aos Coríntios, aos Colossenses e aos Efésios (cf. Rm 1; 1Cor 1; Cl 1; Ef 1).

Mais ainda, o Mistério da Comunhão trinitária inspira a prática e o culto da Igreja apostólica. Daí se entende aquela mensagem de despedida, aquele testamento imperativo que sintetiza a missão perene da Igreja: “Ide... batizai todos os povos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

A Trindade sempre no culto, no coração e na inteligência da Igreja

Convém ter sempre em mente um dado simples, mas profundamente significativo e revelador. Todo o culto oficial da Igreja, toda a Sagrada Liturgia, o Ofício Divino,

a Celebração dos Sacramentos, especialmente o sacrifício sacramental da Eucaristia, todo esse universo de invocações, de preces, de contemplação, se volta, direta, imediata e exclusivamente, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Esse culto perfeito da Nova e Eterna Aliança nos une na comunhão dos santos, na veneração da Mãe de Deus, dos anjos, dos santos e santas do céu e da terra, mas sempre para juntos adorar, invocar, louvar e suplicar à Santíssima Trindade.

Na fé, na esperança e na caridade, a Igreja, ainda peregrina, antecipa a sua vocação definitiva de ser um louvor vivo e perfeito da Comunhão trinitária na glória celeste. Muito nos ajuda recorrer às santas criaturas de Deus, honrando-as e apelando para sua intercessão no difícil dia a dia de nossa existência. Mas há esses momentos privilegiados, reveladores do essencial, em que a Igreja se congrega e se realiza na sua plena verdade de comunhão toda vinda de Deus e toda voltada para Deus.

Essa plena verdade anima o coração e inspira a inteligência da Igreja, conduzindo-a à teologia, que é o *Logos* de Deus em nós, pela luz e pela força interior do Espírito de Amor. Essa teologia recorre a todas as formas e patamares do saber para articulá-los em uma sabedoria racional, que tem sua fonte na Sabedoria Divina e para ela nos conduz em uma amorosa contemplação.

Essa teologia é, antes de tudo, uma doxologia. É admiração, louvor, ação de graças, buscando aprimorar e elaborar nossos pobres meios e modos limitados de conhecer, para proclamarmos com mais e mais lucidez e amor: glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, àquele que é, àquele que era, na sua Glória eterna, e àquele que vem na condescendência de sua revelação e de sua graça.

Nossa reflexão nos encaminha a compreender a venerável tradição guardada pelos cristãos do Oriente, que nos dão o belo exemplo da contemplação da Vida íntima da Trindade e de sua vinda que salva e une a si seus filhos e filhas. Eles se comprazem na contemplação da pedagogia condescendente de Deus manifestada na missão santificadora. Eles oram e cantam “glória ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo”.

Sem dúvida, como nos lembra Santo Tomás no limiar de seu tratado da *Suma Teológica* sobre a Santíssima Trindade, muitas das formas de pensar ou de falar, introduzidas no dogma e na teologia da Trindade, são um tanto abstratas e foram ocasionadas pelas impertinências dos hereges. Pois eles pretendiam aproximar-se do Mistério por excelência, e mesmo decifrá-lo, apoiando-se em ideias ou experiências humanas. Com o Magistério da Igreja, com seus santos doutores, havemos de utilizar essas expressões doutrinárias, na consciência de seus valores e de seus limites. Com eles e para além deles, buscaremos um conhecimento vivo e concreto do Amor, para o qual apontam esses esforços de elucidação da teologia e até mesmo da catequese.

Os guias lúcidos e apaixonados

Por isso, é muito conveniente e oportuno saber acolher a mensagem dos mestres espirituais, buscando sentir e partilhar a paixão com que eles contemplavam o Amor em seu mistério insondável. Então se pode perceber e saborear o quanto Deus é infinitamente suave no segredo de sua Comunhão trinitária, no dom de si mesmo, que ele fez a seu povo e nos quer fazer sempre. Bem merece a homenagem de nossa inteligência e o dom total de nós mesmos.

Destacamos essas figuras mais conhecidas, sobretudo, porque seus ensinamentos e seus exemplos põem em relevo as qualidades que nossa espiritualidade deve assumir sempre em sua inspiração trinitária.

Não deixa de haver umas tantas austeridades, quase umas asperezas, nos escritos dos doutores, como Agostinho e Tomás. A teologia deles visa a ser laudativa. Mas, em suas exposições, eles apelam para o jogo comparativo e negativo dos conceitos. Insistem no que há de mais alto e sublime em nosso ser espiritual, aí apontando algo de parecido com o mistério transcendente da Comunhão trinitária. Mostram-nos, então, umas tantas semelhanças, mas sem atenuar as diferenças infinitas entre a Perfeição Divina e nosso limitado modo humano de ser e de agir. Descrevem

especialmente nossas faculdades espirituais de inteligência e vontade, emergindo da unidade de nossa mente e esboçando, assim, um simples e humilde espelho da inacessível e adorável Comunhão trinitária de conhecimento e amor.

Para cada um de nós e para nossas comunidades, é muito proveitoso considerar esse empenho de colocar a inteligência teológica em sintonia com a experiência espiritual. Hoje se descobre ou redescobre, com certo encanto, um grande espiritual dominicano, Mestre Eckhart (1260-1327). Foi um místico eminente e amável, que se empenhou em pregar ao povo os caminhos mais elevados da perfeição evangélica. Ele insistia que todos os fiéis, homens e mulheres, são chamados realmente à maior intimidade com a Trindade Santíssima. Falando a um povo simples, convidava-o, e mesmo o incitava, a contemplar os esplendores da Comunhão trinitária na eternidade. Mais ainda: com todo o realismo da fé, instava que soubessem adorar no íntimo do próprio coração a presença, a circulação de vida, de conhecimento e de amor que é a Comunhão trinitária, na qual somos introduzidos e associados pela graça que nos santifica.

João da Cruz (1542-1591) continua essa marcha nas alturas e busca torná-la mais acessível. Pois ele se compraz em tecer sua teologia, sua mística trinitária, articulando um feixe de trilogias que podemos reconhecer dentro de nós. No ápice de nossa mente, o Doutor místico aponta as três fontes de comunhão com o outro: a memória, a inteligência e a vontade. E as três são chamadas a se aprimorar pela fé, pela esperança e pela caridade. As quais, por sua vez, se assemelham e são consagradas ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Mais perto de nós, a discípula de João da Cruz, Isabel de Lyon (1880-1906), que tanto saboreava seu nome religioso de Isabel da Trindade, com profundidade e simplicidade maravilhosa, irradiou uma espiritualidade direta e imediatamente trinitária. Sem dúvida, ela segue a pedagogia divina de elevar-se ao Pai pelo Filho, que torna o Pai presente e acessível, e no Espírito, que em nós habita e se interioriza em nós com o Pai e o Filho.

Mas Isabel – Elisabete, Casa de Deus – vive como imantada para a Trindade, contemplada em sua comunhão Eterna, acolhida no dom da graça. Ela vive como enamorada, cantando e convidando a cantar. Na sua imensa confiança, ela se identifica com a vocação de ser o vivo e constante “louvor à glória da graça”, dos “Três”, que eternamente se amam e ternamente nos amam.²

Esta é a feição mais bela, mais autêntica e profunda da espiritualidade evangélica: viver na alegria de amar e de ser amado, de formar no amor a Comunhão dos santos participando na Comunhão de Amor que é a Trindade Santíssima.

A criatura humana, imagem da Trindade Divina

Bem se percebe como se vai elaborando este tema primordial. Ele é tão constante e tão rico em sua mensagem, que constitui, sem dúvida, o aspecto mais concreto e mais tocante de nossa devoção à Santíssima Trindade. A compreensão da imagem trinitária abrange a complexidade e a convergência de nosso ser finito em relação com o Ser infinito, nosso Criador, Salvador e Santificador.

Um primeiro tipo dessa imagem se traduz em termos de semelhança. Como um espelho, sem dúvida reduzido e distante, a criatura racional reflete as perfeições infinitas, atribuídas especialmente a cada uma das Pessoas Divinas. Em nós, a memória é considerada como a presença intencional do eu a si mesmo, como a autotransparência da essência da alma, contendo, guardando e considerando a totalidade do seu passado e de seu presente. A inteligência é vista qual capacidade universal de se conhecer e de perceber e julgar a verdade das coisas e dos valores. Ao passo que a vontade é a faculdade de amar, escolher o bem em sua universalidade e decidir a prática do bem escolhido.

No começo de seu ensino, Santo Tomás³ evoca a imagem tradicional de nosso ser espiritual se contemplando como semelhança profunda da Trindade Divina. E se propõe aprimorá-la dando relevo ao feitio dinâmico dessa semelhança.

2. Ver meu livro *As santas doutoras. Espiritualidade e emancipação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1999. Capítulo V: “Elizabete da Trindade”, p. 125-148.

3. Ver meu livro *Paradigma teológico de Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2011. Capítulo IV: “Audácia e fineza da inteligência diante do Mistério por excelência: a Santíssima Trindade”.

Somos, sim, uma imagem divina, mas, de início, apenas esboçada. Ela é destinada e chamada a crescer e se aperfeiçoar pela sinergia constante da graça e da liberdade. E é por esse dinamismo, pela fecundidade interior de nossas faculdades de conhecer e de amar que somos, de maneira muito especial, imagens da vida íntima da Santíssima Trindade.

E aí o Mestre se apoia na revelação divina que nos leva a contemplar o Filho como Verbo, como Palavra íntima. Ele procede do Pai, sendo por ele proferido, dito, em um Verbo perfeito, em uma Palavra infinita, de que o verbo, a palavra mental da criatura racional, é a imagem humilde, porém a mais apropriada.

Atento igualmente à linguagem do Novo Testamento, que mostra e enaltece a figura do Espírito em termos de amor e de dom, o grande Doutor nos conduz a considerar a fecundidade de nossa vontade que faz existir em si, em uma intencionalidade afetiva, a pessoa amada. O Espírito “procede” do Pai e do Filho, qual laço de perfeita e suave ternura, subsistindo como Pessoa amada, como Amor infinito, que não rompe a unidade divina, mas antes estreita a Comunhão trinitária e a sua infinita intimidade, que é uma eterna circulação de amor.

Em sua fidelidade criativa, em uma linguagem teológica e espiritual, São João da Cruz, ainda aqui, elabora os dados tradicionais e nos toma pela mão para conduzir-nos, em uma contemplação progressiva, à subida da Montanha do Amor.

Com muito cuidado e certo carinho, ele nos ensina a nos dispor à contemplação trinitária, purificando e esvaziando a primeira trilogia de nosso próprio ser espiritual, a memória, a inteligência e a vontade. Ele louva a Trindade Divina que nos criou dando-nos essa primeira semelhança. Já como criaturas, somos marcados por um sinal de semelhança com a Trindade criadora.

Em seguida, ele mostra como, nessa tríplice função, nosso ser espiritual há de acolher o novo dom de sua divinização, deixando-se penetrar e transformar pelas virtudes teológicas

que nos vêm de Deus e nos levam diretamente a Deus. E assim somos constituídos e ordenados para a Trindade criadora e santificadora. Pela docilidade da Fé, nossa inteligência acolhe o Filho, o *Logos* revelador da Verdade. Pelo elã da esperança, nossa memória se dispõe no desejo do Pai, enquanto nossa vontade, transformada e incendiada em amor pelo Espírito de Amor, nele se torna habitação acolhedora da Trindade, Comunhão de Amor.

Hoje, essa doutrina da imagem divina pode traduzir-se em uma expressão mais global e dinâmica. Na Modernidade, a criatura humana se vê como um projeto de identidade, de intimidade pessoal, o qual não se realiza por um fechamento em si, mas por um feixe harmonioso de relações entre pessoas, estabelecendo uma comunhão interpessoal e mesmo cósmica. É uma busca difícil e sempre comprometida por um egocentrismo nutrido de apegos a coisas e a si mesmo. Quando realizado com alguma pureza e autenticidade, esse projeto nos envia à contemplação da unidade e à comunhão no mistério do Deus vivo e verdadeiro.

Note-se esta fineza de nossa fé, bem manifestada por nossos doutores e mestres espirituais. Toda a Trindade age em nós, na Igreja e no mundo. Mas este Princípio único da criação e da santificação, permanecendo imutável e agindo sempre como Unidade trinitária, produz em nós efeitos de semelhança com cada uma das Pessoas Divinas e nos une à sua Comunhão de vida, conhecimento e amor. Pelo Filho e à sua semelhança, no Espírito do Pai e do Filho, somos filhos, que experimentamos a suavidade deste Espírito que abraça todo nosso ser filial: *Abbá*, Pai.

A Igreja apostólica guardou na língua original de Jesus seu clamor que revela toda a verdade de sua natureza humana diante do horror da morte, bem como toda a sua afeição e entrega filial ao Pai (cf. Mc 14,36). É deveras tocante que, segundo o ensino insistente do Apóstolo, esse clamor, com o sotaque mesmo de Jesus, seja nosso jeito próprio e verdadeiro de falar ao Pai, com Cristo e no Espírito: “E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o

Espírito de seu Filho, que clama: ‘Abbá, Pai!’” (Gl 4,6; cf. Rm 8,15).

Devoção amorosa à amável Trindade

Portanto, no centro da espiritualidade evangélica, esta é a Devoção das devoções, o critério do valor e da autenticidade de toda e qualquer devoção.

As devoções ficariam a meio caminho, detendo-se nos santos ou nas coisas santas, sem apontar e tender para o Mistério da Trindade. Os fiéis e suas comunidades mergulhariam, então, na maior ambiguidade religiosa. É o achatamento do culto nas devoções opacas e interesseiras. Esse desvio generalizado dentro e fora da Igreja, fenômeno religioso, tanto mais desastroso quanto mais orquestrado pela tecnologia e pela teatralidade, leva a dolorosa e triste constatação: as religiões se multiplicam e prosperam, enquanto o sentido de Deus, do Deus Comunhão de Amor, diminui e desaparece.⁴

Há, ainda, maneiras imperfeitas atingindo e comprometendo a própria Devoção das devoções. É o culto isolado, fragmentado e mesmo distorcido às Pessoas Divinas, longe daquela religião evangélica “em espírito e verdade”. Esta, na intimidade do Espírito, nos encaminha pelo Filho ao encontro amoroso com o Pai.

Sendo teocêntrica e aberta aos valores humanos, a devoção católica convida ao ecumenismo fundado no essencial do Evangelho. Ela encontrará, sem dúvida, em seus caminhos, o monoteísmo que em nome da fidelidade radical ao Deus único rejeita a Comunhão trinitária.⁵ Esse empenho de estrita fidelidade de nossos irmãos judeus e muçulmanos merece toda estima e respeito. Tanto mais que ele esbarra no escândalo da inflação da autoridade eclesiástica e das devoções e devocionices da cristandade, as quais se desviam do indispensável teocentrismo da fé. Rezando juntos ao Deus único, os cristãos merecem dos não cristãos estima semelhante pela fidelidade ao Evangelho. Pois ele nos revela e induz a aceitação da Comunhão trinitária como ensinada

4. O tema é desenvolvido em meu livro *Falar de Deus e com Deus. Encontro e desencontro das religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 2004.

5. Tal é a maior insistência de meu livro *Evangelho e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Loyola, 2003.

pelo próprio Cristo, exatamente como vivência de fé, conformando amorosamente o cristão e a Igreja ao mesmo Deus de Abraão, de Moisés e dos Profetas.

O culto à Trindade, fonte de comunhão para os cristãos e de solidariedade com toda a humanidade, é a força divina da Igreja, inspirando e modelando o seu testemunho para o mundo. Esse verdadeiro “culto espiritual”, que é a própria vivência e convivência cristã, será atraente na medida mesma em que promova e enalteça os valores humanos em sintonia com o sentido profundo do Mistério de Deus, Comunhão e irradiação de Amor.

Toda a vida cristã culmina na felicidade de abençoar e ser abençoado, de orar sempre, de tudo fazer e bem fazer: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O que assume e transforma a mais humilde existência humana em um louvor de todo momento, dando-lhe um sabor de eternidade: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Na rotina do meu dia a dia, ainda existe espaço para o louvor trinitário?
2. Será que os afazeres diários não estariam de alguma maneira me afastando de uma oração de maior intimidade com a Trindade?
3. De que modo eu tenho contribuído para que a minha vida e a vida da minha comunidade religiosa seja, de fato, uma vida de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo?